



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**CULTURA E TERRITÓRIO: UMA ANÁLISE DA CENA K-COVER DA
GRANDE ARACAJU**

ANA LUISA SOUTO OLIVEIRA

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2022

ANA LUISA SOUTO OLIVEIRA

**CULTURA E TERRITÓRIO: UMA ANÁLISE DA CENA K-COVER NA
GRANDE ARACAJU**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2022

ANA LUISA SOUTO OLIVEIRA

**CULTURA E TERRITÓRIO: UMA ANÁLISE DA CENA K-COVER DA GRANDE
ARACAJU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Relações Internacionais da
Universidade Federal de Sergipe como requisito
para a obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais.

Aprovado em: __/__/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro (Orientador)

Prof. Dr. Geraldo Adriano Godoy de Campos (Examinador)

Profª. Drª. Krystal Cortez Luz Urbano (Examinadora)

Ao meu querido pai José Augusto (In
memorian), que de onde ele estiver, sei que
está orgulhoso do caminho que eu segui.
Obrigada por sempre me apoiar em tudo.

Aos membros do meu grupo k-cover, TFX:
Flavia, Alex, Davis, Ian, Jay, Leo e Stefany, que
são minha segunda família e a maior inspiração
para a elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Muitas emoções estão presentes na minha mente enquanto eu tento escrever os agradecimentos desse trabalho. Estou chegando aos poucos ao fim do ano mais difícil de toda minha vida até então. Nesse ano, eu perdi meu pai para um câncer e, ao mesmo tempo, decidi continuar no desafio que seria terminar minha graduação. Não foi nem um pouco fácil chegar até aqui, mas eu não me arrependo de ter continuado, principalmente porque pude pesquisar sobre um tema que tem a ver com uma parte importantíssima da minha vida que ajudou a manter minha cabeça no lugar nos dias mais sombrios que eu tive que passar.

Esse trabalho é, especialmente, para meu pai, José Augusto. Eu tive o privilégio de ter como o meu pai uma pessoa carinhosa e acolhedora que sempre me estimulou a acreditar no eu quero e nunca julgou o caminho da vida que eu decidi seguir. Graças a ele, eu cresci num espaço onde eu tinha liberdade criativa e acesso a tudo que eu precisasse na medida do possível. Se estou terminando essa graduação, é porque eu o tive do meu lado. Sei que de onde ele estiver agora ele está muito orgulhoso de mim.

Agradeço à minha mãe, Enedina Maria, que secretamente esteve me orientando por todo esse processo de pesquisa. Obrigada por me apoiar de perto por todo o processo que foi escrever este trabalho, desde revisando o trabalho em si, até me acolhendo e me acalmando em relação a todos os meus surtos acadêmicos. Ao meu irmão, Mateus, que é um dos meus pilares emocionais mais importantes. Esse ano foi igualmente difícil para ele e mesmo assim esteve do meu lado a cada momento difícil que eu tive, me colocando para cima e me estimulando a continuar.

A maior inspiração para a elaboração desse trabalho é a minha experiência pessoal com o tema. É por esse motivo que dedico esta pesquisa ao TFX, meu grupo k-cover. O TFX está comigo há 7 anos e é minha segunda família. Não consigo expressar plenamente como eles são e foram importantes para mim nesse processo inteiro. Esse trabalho é para Ian, Jay, Stefany, Flavia, Davis, Alex e Leo. Obrigada por serem um dos laços mais importantes que eu pude fazer durante a minha vida inteira e por me darem um espaço para me expressar como eu sou. Eu fico feliz de compartilhar esses momentos até agora.

Aos meus amigos que estiveram comigo durante minha trajetória acadêmica, em especial, Larissa, Vinícius, Allícia, Breno, Rebert e Willian. Obrigada por estarem comigo a cada alegria e surto acadêmico, por cada cervejinha tomada para acalmar os ânimos e comemorar momentos felizes, por cada momento de conversa e memes compartilhados. Sem vocês essa trajetória não teria sido a mesma. A Brendha, Ricardo, Williane, Geovanna, Gabrielle, Vitória e João Pedro, meus amigos que estiveram comigo em diversos momentos importantes da minha vida e sempre foram meus maiores líderes de torcida.

Aos membros do Grupo de Estudos Leste-Asiáticos da UFS (GELA-UFS), Clarinha, Teto, Esther, Amauri e Giovanna que toparam embarcar na viagem que é estudar Ásia num espaço como a UFS. Sem vocês, provavelmente esse trabalho não teria ido para frente. Obrigada por me darem o espaço para fazer essas viagens. Além disso, às meninas que estiveram comigo na minha última gestão do Centro Acadêmico (CAIRI), Alice, Ana Lívia, Cristine, Luiza, Marina, Maryana, Samara e San. Nunca esquecerei todos os momentos que passamos juntas durante esse período.

Aos meus orientadores que eu tive durante todo o processo desse trabalho, desde o projeto até o próprio TCC em si, Geraldo Campos e Lucas Pinheiro. Obrigada por acreditarem na capacidade de explorar uma coisa tão específica, mas tão importante para mim dentro do campo das Relações Internacionais. A professora Érica Winand, que me acolheu no curso e foi responsável por me fazer ter experiências importantíssimas na minha trajetória acadêmica. A todos os professores do DRI-UFS, que transformaram totalmente minha relação com o mundo durante minha graduação. A professora Krystal Urbano que é uma das minhas maiores referências sobre o tema e que foi uma pessoa fundamental para o desenvolvimento do trabalho.

As minhas colegas do K-Pop Cover SE, Débora, Maísa, Sabrina e Francly, que embarcaram no desafio de trazer mais visibilidade ainda a todas as ações que produzimos dentro da cena.

Por fim, aos integrantes da cena Grande Aracaju que participaram ativamente da pesquisa e são responsáveis por fazer a cena brilhar. O trabalho é sobre vocês e eu tenho orgulho de fazer parte dessa história.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar o impacto do K-Pop, nicho da Onda Coreana ou Hallyu na formação de uma cena k-cover na Região Metropolitana de Aracaju. Conhecida também como Grande Aracaju, essa região é composta pelos municípios de Aracaju, Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão. Num primeiro momento serão apresentados os resultados de um mapeamento da cena feita na região. Ademais, será feita uma revisão acerca do fenômeno da Onda Coreana, desde seu surgimento até os dias atuais, enfatizando como o K-Pop foi o elemento principal de penetração do fenômeno no Brasil. Por fim, para atingir os objetivos deste trabalho, será realizada uma análise do conceito de cenas musicais dentro do contexto da Grande Aracaju, enfatizando a relação entre pessoas, cultura e território, e sua importância como capital subcultural.

Palavras-chave: Cultura; território; transnacionalização; cena; identidade; Hallyu; K-Pop; K-cover.

ABSTRACT

This present work aims to analyze the impact of K-Pop, niche of the Korean Wave or Hallyu in the formation of a k-cover scene in the Metropolitan Region of Aracaju. Also known as Grande Aracaju, this region is made up of the municipalities of Aracaju, Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro and São Cristóvão. At first, the results of a mapping of the scene made in the region will be presented. In addition, a review will be made about the phenomenon of the Korean Wave, from its emergence to the present day, emphasizing how K-Pop was the main element of penetration of the phenomenon in Brazil. Finally, to achieve the objectives of this work, an analysis of the concept of musical scenes within the context of Grande Aracaju will be carried out, emphasizing the relationship between people, culture and territory, and its importance as subcultural capital.

Keywords: Culture; territory; transnationalization; scene; identity; Hallyu; K-Pop; K-cover.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Faixa etária dos k-covers da Grande Aracaju.....	34
Figura 2 – Cor ou raça dos k-covers da Grande Aracaju.....	35
Figura 3 – Identidade de gênero dos k-covers da Grande Aracaju.....	36
Figura 4 – Orientação sexual dos k-covers da Grande Aracaju.....	37
Figura 5 – Grau de escolaridade dos k-covers da Grande Aracaju.....	38
Figura 6 – Renda familiar mensal per capita dos k-covers da Grande Aracaju.....	39
Figura 7 – Como você descobriu o K-Pop?.....	40
Figura 8 – Há quanto tempo você consome K-Pop?.....	41
Figura 9 – Como você consome K-Pop?.....	42
Figura 10 – Como você descobriu que havia uma cena k-cover na Grande Aracaju?.....	45
Figura 11 – Há quanto tempo você participa da cena k-cover na Grande Aracaju?..	46
Figura 12 – Você é solista, faz parte de uma dupla ou de um grupo?.....	47
Figura 13 – Você participa de mais de um projeto k-cover?.....	47
Figura 14 – Quantos eventos da cena, por ano, você costuma participar?.....	48
Figura 15 – Quais espaços você frequenta dentro da cena?.....	49
Figura 16 - Qual a natureza dos eventos organizados para a cena que você participa ou participou?.....	49
Figura 17 - Quanto você gasta mensalmente com a cena?.....	50

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Membros dos grupos de k-cover TFX, Star Dance e KRV posando para o programa sergipano Combinado.....	27
Imagem 2 – Diversos k-covers no evento Férias com o TFX.....	29
Imagem 3 – Vídeo de Random Play Dance que ocorreu na Pista de Patinação Larissa Barata, na Orla da Atalaia, Aracaju-SE.....	30
Imagem 4 – Grupo k-cover Black Moon se apresentando na 6ª edição da competição de dança k-cover Aracaju K-Pop Festival.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A ONDA COREANA: FENÔMENO TRANSNACIONAL	16
1.1. <i>O que é a Onda Coreana?</i>	16
1.2 - <i>K-Pop: a emergência do Hallyu no Ocidente</i>	20
1.3 - <i>K-Pop no Brasil</i>	23
2. CENAS MUSICAIS E K-COVER: ALÉM DO TERRITÓRIO	26
3. A CENA K-COVER NA GRANDE ARACAJU	33
3.1. <i>Um breve perfil socioeconômico: quem integra a cena k-cover da Grande Aracaju?</i> 34	
3.2. <i>Imersão num universo diferente: experiências do k-cover na Grande Aracaju</i>	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE – Resumo das respostas do questionário de mapeamento da cena k-cover na Grande Aracaju	59

INTRODUÇÃO

No dia 1 de junho de 2019, num sábado, foi transmitido um episódio do programa Combinado na TV Sergipe. O programa, que tem como objetivo trazer vários aspectos da cultura local, trouxe pela primeira vez um fenômeno relativamente inédito para a televisão sergipana. Em um segmento denominado “K-Pop: conheça o estilo musical coreano que virou febre no Brasil” o programa televisionou pela primeira vez o mundo das pessoas que gostam de K-Pop em Sergipe, descrevendo o fenômeno como uma cultura com “coreografias arrojadas, letras que misturam idiomas e um visual um tanto exótico” (K-POP, 2019). Mas o programa evidenciou mais especificamente, o mundo das pessoas que fazem cover de dança das músicas sul-coreanas que eles tanto adoram.

Nesse contexto, o cover de dança “é o termo que geralmente é usado por pessoas ou fãs que imitam ou personificam a coreografia de certos grupos ou artistas junto com o mesmo figurino, penteado e acessórios” (SETYANI, MUKTIONO, 2017, p. 127, tradução nossa). No caso do k-cover, os fãs de K-Pop buscam utilizar da performance para se aproximar o máximo daquilo que é produzido pelos artistas do gênero. Os meios por onde esses covers podem ser divulgados são variados, desde redes sociais, como Youtube, Facebook, Twitter e Instagram até eventos presenciais como convenções, encontros e competições. No Brasil, a prática é relativamente recente, surgindo “em meados dos anos 2010, com a emergência de um nicho de jovens brasileiros interessados na cultura pop sul-coreana nos anos 2000, especialmente, no ambiente digital” (URBANO; KAUTSCHER, 2017, p. 100). Ademais, pode-se também afirmar que a emergência da cena está diretamente ligada a popularização de eventos ligados à cultura japonesa, que eram os primeiros espaços onde a cena k-cover poderia realizar suas práticas.

Com isso, o surgimento de cenas de k-cover em Sergipe é apenas um subproduto de um movimento cultural transnacional muito maior: a Onda Coreana. Conhecida também como *Hallyu*, a Onda Coreana é um “movimento midiático-cultural que abarcou uma série de produtos de origem sul-coreana e que conquistou enorme popularidade mundial” (ARAÚJO, 2020). O termo foi cunhado pelo jornalismo chinês no início dos anos 2000 para explicar o aumento da popularidade dos dramas televisivos sul-coreanos na China. Chua e Koichi (2008) dão o crédito ao papel de diferentes instituições culturais, midiáticas e governamentais que incentivaram a

definição, capitalização e geração de discursos sobre a Onda Coreana. Em 2008, sugeriu-se que o fenômeno era responsável por elevar o Produto Interno Bruto (PIB) sul-coreano em 0,2% (CHUA; KOICHI, 2008), gerando resultados econômicos que nunca haviam sido vistos até então. Já nos últimos anos, estima-se que são movimentados anualmente na economia sul-coreana 3,7 bilhões de dólares apenas pelo grupo BTS (QUEIROZ, 2021). Por conseguinte, “na atual conjuntura da Coreia do Sul, o *Hallyu* tem sido cada vez mais enquadrado como um fenômeno cultural legítimo e altamente divulgado a ser considerado por muitos grupos sociais com interesses variados” (CHUA; KOICHI, 2008, p. 178, tradução nossa).

No Ocidente, o fenômeno da Onda Coreana chega mais tardiamente, porém com uma força maior. Entretanto, diferentemente dos dramas sul-coreanos que dominaram as televisões de boa parte do leste-asiático, é a música pop que conquista os corações do público do outro lado do mundo. O K-Pop, fenômeno cultural que mistura a música facilmente consumível sul-coreana com a performance e a arte visual, se torna a forma mais visível do impacto da Onda Coreana em regiões ocidentais. De acordo com uma matéria do Extra publicada em 2020, “no Brasil, a indústria musical sul-coreana cresceu em média 47% ao ano, levando o país a ser o 5º que mais consome este gênero entre os 92 mercados atendidos pelo aplicativo [Spotify]” (QUEIROGA, 2020). Dessa forma, é possível observar a popularidade do gênero em ambientes além do leste-asiático, demonstrando a capacidade da Onda Coreana como fenômeno cultural transnacional.

Um dos principais elementos do K-Pop enquanto fenômeno cultural é a existência do fandom enquanto parte essencial para a sua existência. Setyani e Muktiono (2017) afirmam que o “Fandom ou fanatic kingdom é um lugar para os fãs apoiarem seu ídolo e um lugar para construir um relacionamento próximo com outros fãs” (p. 127, tradução nossa). Ou seja, pode-se dizer que os fandoms são espaços onde pessoas — normalmente jovens — podem, a partir de gostos e interesses em comum, encontrar uns aos outros, criando uma comunidade própria com características específicas, as chamadas tribos urbanas (SOUSA; FONSECA, 2009). No caso do fandom de K-Pop, os chamados K-Poppers, uma das práticas mais claras do caráter de comunidade é a existência da cena k-cover, que vem sendo cada vez mais uma marca do fandom brasileiro de pop sul-coreano. Como bem demonstrado por Urbano e Kautscher (2017), há uma escassa historiografia sobre a prática de k-

cover no Brasil, visto que a própria cena é recente. Ademais, existem ainda menos trabalhos que tratam das cenas que estão presentes na região nordestina, apesar destas crescerem amplamente com o passar do tempo, tornando-se cada vez mais organizadas, como é o caso da região da Grande Aracaju, que é foco deste trabalho.

Dessa forma, visto o exposto, o trabalho tem como objetivo contribuir com a produção de pesquisas envoltas aos impactos da Onda Coreana, enquanto fenômeno inserido nas relações internacionais em regiões brasileiras, falando mais especificamente da criação de cenas voltadas à prática do k-cover, já que existem poucos trabalhos que tratam do tema. Para atingir esses objetivos, propõe-se a elaboração de uma análise descritiva da cena existente na Região Metropolitana de Aracaju – que abrange os municípios de Aracaju, Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão. A partir dessa análise, se buscará identificar, a partir de conceitos de cultura e territorialidade elementos do fenômeno do K-Pop no Brasil que geraram a criação de cenas de k-cover nos últimos dez anos. Na realização dessa análise, foi feito um levantamento social a fim de investigar as características, como classe social, gênero e sexualidade, e experiências dos membros dessas cenas, relacionando-as com a discussão da relação entre cultura e território.

É relevante evidenciar como os fenômenos culturais transnacionais são importantes para entender cada vez melhor os diferentes arranjos sociais que estão presentes na sociedade contemporânea, onde a busca por identidade se torna cada vez mais um incômodo da essência humana. A emergência de uma cena k-cover sólida no Nordeste reflete bem isso. Como bem exposto por Urbano (2021)

O advento e popularização dos fenômenos pop da Japão Mania e da Onda Coreana (HUANG, 2011) no Brasil oferecem evidência suplementar de como imagens, sonoridades e gêneros musicais produzidos dentro de um contexto não ocidental podem se expandir para além de suas fronteiras, alimentando o imaginário e o cotidiano dos públicos globais (p. 243-244 *apud* URBANO, 2018)

Assim, almeja-se com este trabalho que haja uma contribuição para os estudos que envolvem a relação entre cultura e território, bem como auxiliar na construção de uma base abrangente de pesquisa sobre o fenômeno da Onda Coreana no Nordeste, mais especificamente na Grande Aracaju, a fim de gerar um aprofundamento do conhecimento sobre o tema.

Levando em consideração os objetivos apresentados, o presente trabalho adota a abordagem de uma pesquisa qualitativa, visto que ele busca interpretar as características específicas da cena k-cover na Região Metropolitana de Aracaju – que abrange, além de entender qual o apelo cultural do fenômeno em tal região, havendo assim uma subjetividade da análise (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 70). Ademais, esta pesquisa tem caráter descritivo, visto que “Visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 52).

Em relação aos procedimentos técnicos de coleta de dados para o delineamento da pesquisa, foi feito um levantamento social, a partir de um questionário de pesquisa realizado de forma remota via Formulários do Google, buscando entender suas características e experiências, e em seguida analisar qualitativamente os dados coletados. Some-se a isso a realização de uma pesquisa bibliográfica, a partir de fontes secundárias como livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 54), para se entender os fenômenos culturais envolvidos no tema e panorama sobre toda a construção e exportação do fenômeno da Onda Coreana e do K-Pop para o Brasil.

Nesse sentido, o recorte temporal irá levar em consideração a última década, visto que engloba o período de crescimento exponencial do fenômeno do K-Pop no Brasil e no Nordeste, além do fortalecimento de espaços onde comunidades consumidoras e admiradoras do gênero podem realizar eventos culturais nacionalmente (URBANO; KAUTSCHER, 2017). Os critérios de seleção para o embasamento dos temas do trabalho levarão em consideração materiais que lidam com temas de cultura, territorialidade e transnacionalização de comunidades jovens contemporâneas, cultura e mídia, além de fontes que abordem a história do Hallyu e do K-Pop, bem como análises sobre eles.

Por fim, o trabalho é uma pesquisa qualitativa de inspiração etnográfica, visto que há um estudo da cultura e comportamento de um determinado grupo social. Ademais, o grupo social analisado é uma cena em que eu estive inserida pelos últimos sete anos da minha vida. A prática do k-cover dentro do fandom de K-Pop na Grande Aracaju é algo familiar para mim. Esses fatores são responsáveis por dar à pesquisa um caráter etnográfico.

1. A ONDA COREANA: FENÔMENO TRANSNACIONAL

1.1. O que é a Onda Coreana?

No leste asiático, os anos 90 foram marcados por um crescimento acentuado da cultura popular sul-coreana, que acabou irradiando nos vizinhos asiáticos. A rápida industrialização das décadas anteriores, somadas à liberalização das mídias pelo processo de redemocratização, tornaram possível a produção de produtos culturais em maior quantidade e qualidade. A partir daí, emerge o movimento midiático-cultural que transformaria de uma vez por todas a imagem da Coreia do Sul até os dias atuais: a Onda Coreana ou Hallyu.

A Onda Coreana ou Hallyu refere-se ao processo de recepção variada e desigual dos produtos e imagens midiáticos e culturais da Coreia do Sul pela Ásia, bem como as formas específicas de mídias e representações culturais nos fluxos transfronteiriços da cultura popular sul-coreana em território nacional (LEE, 2008, p. 175), ou seja, “consiste na popularidade alcançada pelo pop sul-coreano e seus produtos relacionados – dramas televisivos (k-dramas), música pop (k-pop) e ídolos pop (k-idols) – nos países asiáticos vizinhos” (URBANO e ALBUQUERQUE, 2015, p. 260).

O termo foi popularizado na China no final dos anos 90 devido a um enorme fluxo de capitais culturais sul-coreanos no país, que foi possível graças à um acordo diplomático forjado pelos dois países em 1992 (LIU, 1993), facilitando assim o intercâmbio de pessoas, valores e, principalmente, de cultura. Além disso, com a crise financeira asiática de 1997, houve a redução de preços de dramas televisivos sul-coreanos, o que facilitou ainda mais a expansão da Onda Coreana nos demais países do Extremo-Oriente (ARAÚJO, 2020). Assim, na virada do século, a cultura pop coreana já fazia parte da realidade das audiências de diversos países asiáticos.

Nesse sentido, Lu Chen em *The emergence of the anti-Hallyu movement in China* (2017) argumenta que muitos justificam o sucesso da Onda Coreana em países asiáticos, especialmente na China, a partir do conceito de proximidade cultural. O autor cita o conceito de Straubhaar (1991) que define proximidade cultural como “material produzido nacional ou localmente que está mais próximo e mais reforçador de identidades tradicionais, com base em elementos regionais, étnicos, dialéticos/idiomáticos, religiosos e outros” (CHEN, 2017, p. 375, tradução nossa). Os

principais autores sobre Hallyu afirmam que é pela proximidade cultural da Coreia do Sul com países como China e Japão que o fenômeno teve sucesso. Entretanto, para Chen (2017) “essa explicação simplifica demais as restrições históricas e políticas encontradas pelos fluxos culturais transnacionais” (p. 376, tradução nossa). Além disso, esse conceito não seria capaz de explicar o porquê de os fluxos culturais coreanos penetrarem em territórios distantes da região do leste asiático, como em regiões da Europa e América.

A Coreia do Sul não foi o único país a ter a sua cultura como produto de exportação. Desde os anos 80, o Japão já havia atingido um certo nível de exposição midiática tanto na Ásia quanto no Ocidente, com a produção de mangás, animes, J-Pop e J-Rock. Porém, o que irá diferenciar a trajetória de desenvolvimento entre esses dois países é o grau de intervenção governamental. De acordo com Chua (2012), o Japão possuía uma postura não-intervencionista na produção de mídias culturais e, em contraste, a Coreia do Sul foi marcada por um forte estímulo governamental. Desde os anos 90, o Estado sul-coreano tem estimulado a produção de cultura nacional. Houve, por exemplo, leis como a *Cultural Industry Bureau* e *Motion Picture Promotion Law*, ambas de 1995, que são políticas governamentais com objetivo de mover o capital de investimento para a indústria cinematográfica (CHUA, 2012). Ademais, o crescimento sul-coreano no mercado internacional atingiu seu pico no final da década de 1990, onde o então presidente Kim Dae Jung estimulou a indústria cultural nacional (ARAÚJO, 2020). Como bem-posto por Choi e Maliangkay (2015), sobre K-Pop, um dos principais nichos do Hallyu:

The South Korean government deserves credit for the synergy created between K-pop and other media/culture industries. It started building rapport with popular culture since the inauguration of the civilian regime in 1993, which offered a comprehensive package of deregulatory measures to creative industries *en bloc*. K-pop has enjoyed a long, undisturbed honeymoon with state-capital power from the late 1990s, when the creative industries as a whole were designated as a key sector for the growth of the South Korean economy. With various tax benefits and support for expansion in overseas markets, the K-pop industry has since grown exponentially (p. 3).¹

¹ “O governo sul-coreano merece crédito pela sinergia criada entre o K-pop e outras indústrias de mídia/cultura. Esse começou a construir relações com a cultura popular desde a inauguração do regime civil em 1993, que ofereceu um pacote abrangente de medidas desreguladoras para as indústrias criativas em bloco. O K-pop desfrutou de uma longa e imperturbável lua de mel com o poder do capital estatal desde o final dos anos 1990, quando as indústrias criativas como um todo foram designadas como um setor chave para o crescimento da economia sul-coreana. Com vários

Essas características são colocadas de forma bastante otimista dentro das perspectivas mainstream de análise do Hallyu. As principais discussões sobre o assunto, defendidas pelas instituições governamentais, culturais e midiáticas, tentam definir e explicar o sucesso desse fenômeno a partir de visões neoliberais e nacionalistas da cultura (LEE, 2008). Aqui, é enfatizado o soft power da cultura sul-coreana. O conceito foi criado pelo autor Joseph Nye para explicar a outra natureza do poder estadunidense, que não vinha de fontes militares ou econômicas, que são fontes de hard power. Para Nye (2004), soft power baseia-se na capacidade de moldar as preferências dos outros a partir de um atrativo, que pode ser sua cultura, seus valores políticos e/ou sua política externa. Nye ainda coloca sobre cultura: “Quando a cultura de um país inclui valores universais e suas políticas promovem valores e interesses que outros compartilham, aumenta a probabilidade de obter os resultados desejados devido às relações de atração e dever que cria” (2004, p. 11, tradução nossa).

Dessa forma, o poder gerado pela cultura pop sul-coreana vem da capacidade de gerar atração e interesse na marca sul-coreana relacionado aos valores nacionais, servindo como uma espécie de nation branding (ARAÚJO, 2020). Outrossim, para a perspectiva mainstream, a cultura popular é, antes de tudo, associada ao seu valor de mercado e potencial no competitivo mercado cultural transnacional. Além disso, essa perspectiva, que associa cultura com o conhecimento e a economia, acaba gerando um senso de nacionalismo cultural, já que o crescente sucesso dos produtos culturais sul-coreanos exaltaria a capacidade cultural da Coreia do Sul. Como Lee (2008) bem coloca

the Korean wave demonstrates the “superiority” of modern Korean popular culture and collectively it can be the very core of local cultural contents for export and profits. [...] They also tend to overemphasize the role of Hanryu products as the source of national pride and empowered collective images for South Koreans, as well as a new means of “cultural diplomacy” (p. 182).²

benefícios fiscais e apoio à expansão em mercados estrangeiros, a indústria do K-pop cresceu exponencialmente desde então” (CHOI; MALIANGKAY, 2015, p. 3, tradução nossa).

² “a onda coreana demonstra a ‘superioridade’ da cultura popular coreana moderna e coletivamente pode ser o próprio núcleo dos conteúdos culturais locais para exportação e lucros. [...] Eles também tendem a super enfatizar o papel dos produtos *Hallyu* como fonte de orgulho nacional e imagens coletivas empoderadas para os sul-coreanos, bem como um novo meio de ‘diplomacia cultural’” (LEE, 2008, p. 182, tradução nossa).

Entretanto, existem outras perspectivas que surgem para demonstrar as lacunas da otimista visão mainstream. A primeira é a perspectiva culturalista. Nessa abordagem, a visão mainstream desconsidera o fato de que os produtos da cultura popular sul-coreana são híbridos por natureza e, relativamente, novas construções culturais. Na realidade, produtos culturais relacionados à Onda Coreana tem pouco a ver com cultura tradicional nacionalista ou sentimentos populares coletivos, sendo eles majoritariamente uma mistura de gêneros e formas culturais ocidentais, além de imaginários cosmopolitas e urbanos (LEE, 2008). Em outras palavras, os produtos culturais sul-coreanos não são reflexos de uma cultura homogênea nacionalista que conseguiu atrair e penetrar outras audiências externas, e sim, são reflexos de um senso cultural híbrido internacional que já faz parte da consciência coletiva daquelas nações, sendo mais facilmente consumível.

Outra análise alternativa que explica o Hallyu é a do *hard power*. Kim (2015) coloca que o fenômeno da onda coreana é simplesmente baseado no sucesso econômico da Coreia do Sul atingido pela rápida industrialização da nação no final do século XX. O Hallyu seria considerado um símbolo da tecnologia cultural que permitiu que empreendedores pudessem produzir conteúdos culturais de melhor qualidade funcionando dentro dos parâmetros de competitividade dentro do próprio sistema capitalista. Assim, o poder gerado pelo fenômeno tem fontes econômico-industriais, sendo a produção cultural um resultado disso, e não um meio para se atingir influência. Essa perspectiva se opõe fortemente à perspectiva mainstream.

A terceira perspectiva alternativa vem de diversas abordagens críticas e recepções negativas ao fenômeno da Onda Coreana. Chua (2012) argumenta que politicamente, o *soft power* pode ser contra produtivo, já que “Ninguém quer ser alvo do poder do outro, duro ou brando. De fato, a penetração da cultura pop em outro país é quase sempre vista como ‘contaminação cultural’, ‘imperialismo cultural’ ou ‘hegemonia cultural’” (p. 131, tradução nossa). Ou seja, penetração de cultura pop em outros territórios nacionais do leste asiático sempre estarão sujeitas à rejeição, já que há naturalmente uma rejeição aos poderes externos. A partir daí, cria-se uma comunidade que irá confrontar a cultura pop importada e, ao mesmo tempo, voltam à tona abstrações simbólicas de unidade, fortalecendo assim, o nacionalismo. Isso pode ser bem-visto no “anti-hallyuismo”, movimento de rejeição da penetração de cultura

popular coreana que é fortemente praticado pela China, por Taiwan e pelo Japão. Kim (2015) afirma

For some critics, *hallyu* is not a result of qualitative excellence of Korean culture or its own peculiarity, but an offshoot of vulgar 'B-cultural capital' in which all capitalistic desires and diverse conflicts are skillfully embellished. So, it's almost impossible to develop *hallyu* as a big hit-business to lead a global cultural order in the future (p. 157).³

Assim, para a perspectiva crítica, o sucesso do fenômeno da onda coreana é questionado, visto que há uma dificuldade real de penetração desse fluxo cultural em outras nações. Ao trazer essas diferentes perspectivas é possível perceber algumas lacunas que existem na concepção do fenômeno, além de elucidar os diferentes reflexos que o *Hallyu* tem, não só nacionalmente, mas no contexto internacional. Assim, é impossível negar a influência cultural que a Coreia do Sul tem alcançado desde o início da onda nos anos 90.

Com o interesse do governo em divulgar a identidade nacional do país, sabendo dos ganhos com o produto cultural e sua notabilidade e junto ao avanço da tecnologia e maior acesso à internet, o Hallyu foi impulsionado de modo que o K-Pop ascendeu e ganhou maiores proporções, além do bem estabelecido K-drama. Sendo assim, houve um ganho maior no número de pessoas que apreciam o fenômeno para além da região do leste asiático, os chamados "fandoms". Portanto, a Onda Coreana é um instrumento de identidade nacional bem-sucedido que tem potencial como produto cultural e como *soft power*, aliado ao projeto de desenvolvimento bem estabelecido no país em tão pouco tempo.

1.2 - K-Pop: a emergência do Hallyu no Ocidente

Internamente ao fenômeno da Onda Coreana, nada atingiu níveis tão globais quanto o seu elemento da música popular: o K-Pop. Esse elemento é normalmente definido como um gênero de música popular, originado na Coreia do Sul, que combina elementos de música pop ocidental com tradições coreanas. Tem como principais

³ "Para alguns críticos, o Hallyu não é resultado da excelência qualitativa da cultura coreana ou de sua própria peculiaridade, mas um desdobramento do vulgar "capital cultural B" no qual todos os desejos capitalistas e diversos conflitos são habilmente embelezados. Portanto, é quase impossível desenvolver o Hallyu como um grande negócio de sucesso para liderar uma ordem cultural global no futuro" (KIM, 2015, p. 157, tradução nossa).

características músicas cantadas em coreano, intercaladas com letras em inglês, juntamente às coreografias dinâmicas (COLLINS ENGLISH DICTIONARY, 2012, tradução nossa). Choi e Maliangkay (2015) descrevem o K-Pop, estilisticamente, como “uma cultura popular integrada *sui generis* – um entretenimento de classe própria. É um mosaico que mistura contação de histórias, música, dança em grupo, performance corporal e desfile de moda” e, num ponto de vista industrial, é como “um negócio que prospera em um vasto conjunto de recursos humanos versáteis [...] Os *idols*⁴ são tanto uma “propriedade comum” da indústria cultural coreana em sua totalidade quanto o cerne do empreendimento K-Pop” (p. 5, tradução nossa). Os autores afirmam que de um ponto de vista empírico e analítico é implausível haver a distinção entre K-Pop e Hallyu, sendo esse primeiro uma continuidade do segundo.

Em relação ao K-Pop, os autores também defendem que, atualmente, há uma prevalência do fenômeno em relação aos outros elementos da Onda Coreana, como o cinema, os dramas televisivos, e, em certo nível, em relação às culturas de massa japonesas (CHOI; MALIANGKAY, 2015, p. 2). Apesar de ser frequentemente definido e percebido como tal, o K-Pop é muito mais que um simples gênero musical. Esse fenômeno abarca em si uma estrutura cultural de valência transnacional que impacta substancialmente assuntos públicos relacionados à própria identidade sul-coreana. Choi e Maliangkay (2015) afirmam que os artistas de K-Pop são o fulcro de algo que pode ser chamado de complexo diplomático de entretenimento (p. 6) visto que

To the South Korean government and people alike, K-pop and its representative idols are arguably most treasured national assets. Some even say in jest that K-pop idols are, together with Samsung smartphones, the best merchandise ever produced by the nation. More often than not, K-pop idols have acted as a cheerleader for various state and market affairs in exchange for lavish underwritings from local/national governments. Under the state auspices, K-pop artists/bands were showcased to a range of domestic and international events held by local/national governments. Over time, it became customary for K-pop idols to be appointed promotional envoys of public campaigns and corporate/governmental events like the 2010 G20 summit, 2012 Yeosu Expo, and 2014 Incheon Asian Games. Given the magnitude of brand enhancing effects K-pop idols bring to the country, they can be considered involuntary agents that facilitate the merger between South

⁴ *Idols* são celebridades de K-Pop, membros de grupos ou solistas, caracterizados pelo sistema altamente manufaturado de produção de superestrelas que possuem habilidades em canto, dança e/ou atuação (ELFVING-HWANG, 2018).

Korean entertainment and cultural diplomacy (CHOI; MALIANGKAY, 2015, p. 5).⁵

Por esse motivo, tratar K-Pop enquanto apenas um gênero de música popular é simplificar a sua qualidade enquanto fenômeno cultural transnacional.

Uma das discussões em relação aos aspectos musicais do fenômeno gira em torno das características ocidentalizadas de suas músicas. Não é à toa que o que marca o início do K-Pop como um gênero musical na Coreia do Sul foi o surgimento do grupo Seo Taiji and Boys no início dos anos 90. A primeira música do trio foi descrita como uma “combinação cativante de hip-hop, rock e pop americano” (SEO, 2016, tradução nossa). Lie (2012) comenta que, para os críticos dessa época, o que acabou diferenciando-os do resto da música da época, é que não soava coreano, fazendo com que eles fossem pioneiros de uma paisagem sonora quase invariável da música popular ocidental (p. 349). O autor conclui o pensamento ao fazer a pergunta do que é o “K” no “K-Pop” e responde que “em relação à cultura tradicional, não há quase nada de ‘coreano’ no K-Pop. O K-Pop, identificado como parte da marca (sul) coreana, é um produto globalmente competitivo sem ônus da Coreia tradicional” (LIE, 2012, p. 360, tradução nossa). O sucesso do K-Pop estaria atrelado, então, ao fato de que não tem muitas características coreanas no fenômeno em si, tornando possível o seu consumo internacionalmente.

De um lado, os críticos do fenômeno, justificando que o K-Pop apenas reproduz estilos musicais ocidentais, do outro, defensores afirmam que dentro do gênero, há um reprocessamento da música popular, onde existem traços tipicamente coreanos no modo de apresentação (CHOI; MALIANGKAY, 2015, p. 3). Entretanto, o importante é entender que o K-Pop, como uma variação de cultura pop, faz parte do que Velasco

⁵ Para o governo sul-coreano e para o povo, o K-pop e seus *idols* representantes são, sem dúvida, os bens nacionais mais preciosos. Alguns até dizem em tom de brincadeira que os *idols* do K-pop são, junto com os smartphones Samsung, a melhor mercadoria já produzida pelo país. Na maioria das vezes, os ídolos do K-pop atuaram como líderes de torcida para vários assuntos de estado e mercado em troca de subscrições pródigas de governos locais/nacionais. Sob os auspícios do estado, artistas/bandas de K-pop foram exibidos em uma série de eventos nacionais e internacionais realizados por governos locais/nacionais. Com o tempo, tornou-se habitual que os ídolos do K-pop fossem nomeados enviados promocionais de campanhas públicas e eventos corporativos/governamentais como a cúpula do G20 de 2010, a Yeosu Expo de 2012 e os Jogos Asiáticos de Incheon de 2014. Dada a magnitude dos efeitos de valorização da marca que os *idols* do K-pop trazem para o país, eles podem ser considerados agentes involuntários que facilitam a fusão entre o entretenimento sul-coreano e a diplomacia cultural (CHOI; MALIANGKAY, 2015, p. 5, tradução nossa).

(2010) coloca como “uma cultura global, sem a uniformização do movimento de transnacionalização econômica, financeira, comunicacional e cultural. Uma cultura de consumo que comporta, ao mesmo tempo, a massificação e a segmentação, a contestação e a afirmação do status quo” (p. 116). Ou seja, K-Pop é, também, uma cultura de massa que está diretamente ligada aos interesses de seus consumidores, numa tentativa de que seus produtos culturais atinjam uma maior quantidade de pessoas possíveis. E, é por esse motivo que o K-Pop é um fenômeno que está fortemente ligado às culturas de fandom.

Como citado anteriormente, a expansão da Onda Coreana num âmbito global aumentou a quantidade de pessoas que possuem interesse pelos produtos relacionados ao fenômeno, criando assim, os chamados fandoms. O sucesso do K-Pop, na Coreia do Sul e internacionalmente, está atrelado à relação entre os artistas do gênero e as comunidades de fãs. Cada ato musical é estruturado milimetricamente a fim de criar um produto que agrade o público de fãs, majoritariamente jovens: músicas com alto nível de produção sendo performadas acompanhadas de coreografias precisas por pessoas com visuais dentro do padrão, nas roupas consideradas da moda do momento.

1.3 - K-Pop no Brasil

No Brasil, o K-Pop prova a sua capacidade como fenômeno cultural transnacional e Urbano (2021) enfatiza que o advento e popularização dos fenômenos da Onda Coreana nacionalmente evidenciam como os produtos culturais sul-coreanos podem se expandir além das fronteiras a ponto de virarem aspectos cotidianos de públicos globais. Comparado a outras regiões, o fenômeno é de certa forma recente, mas não necessariamente com menos intensidade.

Os primeiros espaços encontrados para a inserção do K-Pop no Brasil foram os espaços reservados para os admiradores de cultura pop japonesa (Freitas *et al*, 2019) e que atualmente não dão conta do crescente interesse do público jovem na cultura pop sul-coreana (URBANO, 2021). O K-Pop era introduzido não só nas mídias consumidas por esses públicos — a exemplo da cantora sul-coreana BoA que cantou na música tema da animação japonesa bastante popular no Brasil, InuYasha —, como também, nas convenções de fãs de cultura japonesa, que reservavam parte de seu espaço para pequenos eventos relacionados à cultura sul-coreana. Dessa forma, é

possível dizer que foi no espaço da cultura japonesa no Brasil onde surgiram os primeiros K-Poppers.

Nos últimos anos, é possível perceber uma nova onda de K-Poppers brasileiros que foram introduzidos ao fenômeno de uma maneira diferente da primeira geração. Com a popularização das mídias sociais, ficou muito mais fácil para que o público brasileiro tivesse um contato muito mais próximo com os produtos do K-Pop. Redes sociais como o Youtube, Facebook e o Twitter trouxeram uma nova leva de fãs do gênero que podiam acompanhar seus artistas favoritos em suas redes sociais, esperando cada um de seus lançamentos. As redes sociais também foram responsáveis por aproximar mais os artistas de seus fãs, além de que comunidades virtuais foram criadas fazendo com que o universo dos K-Poppers fosse transferido para o ambiente da Internet onde os fãs podem interagir entre si, criando assim, novas relações fã-fã e de fã-artista. Freitas *et al* elucida bem esse aspecto:

O espaço virtual tornou-se o grande aliado da expansão mundial do k-pop, com destaque para o canal de vídeos Youtube: foi através dele que o vídeo de k-pop com menos visualizações foi visto quase 70 milhões de vezes. Além do Youtube, mídias sociais como Facebook, onde fãs organizam eventos, e Twitter, onde os artistas são alçados com frequência aos trending topics (tópicos mais comentados) também contribuem para tornar o k-pop um fenômeno. Sem tais ferramentas, muito possivelmente o k-pop não seria difundido no Brasil, e sem dúvidas, não com a mesma velocidade. A internet é essencial para que se conheçam as bandas, para que se forme uma comunidade k-pop no Brasil, para que exista o consumo de produtos relacionados, para a amplificação da cultura coreana, para que as bandas se comuniquem com os fãs, para que elas divulguem sua agenda de shows. Podemos afirmar que toda a publicidade das bandas é feita nas redes sociais, o que é muito adequado para atingir o público jovem (FREITAS et al, 2019, p. 58, apud KARAM, MEDEIROS, 2015, p. 8).

Outrossim, as redes sociais também servem como um facilitador de um de uma das principais práticas culturais dos K-Poppers no Brasil e no mundo: o k-cover. A cena k-cover envolve diversas práticas performáticas dentro das comunidades de K-Poppers buscam reproduzir o mais próximo possível os artistas de K-Pop originais. Essas práticas envolvem praticamente todos os aspectos da performance do artista original: a dança, o canto, o figurino, o visual, as expressões corporais etc. A cultura de performar covers de trabalhos originais é uma parte fundamental da cultura do K-Pop visto que é muito comum que os artistas do gênero lancem vídeos de coreografias em seus canais oficiais, facilitando assim a produção dos covers. Urbano e Kautscher

(2016) afirmam que “No Brasil, a prática k-cover afirma-se recentemente, em meados dos anos 2010, com a emergência de um nicho de jovens brasileiros interessados na cultura pop sul-coreana nos anos 2000, especialmente, no ambiente digital” (p. 100-101). Dessa forma, é possível visualizar a importância das redes sociais como vetor para o surgimento e expansão da cena.

O estabelecimento de uma comunidade sólida de pessoas que admiram a cultura pop sul-coreana foi responsável por fazer com que surgissem espaços exclusivos para eventos de K-Pop e k-cover (URBANO; KAUTSCHER, 2017, p. 106). A partir daí, a cena costuma girar em torno de eventos específicos para o gênero musical, como as competições de dança e canto que ocorrem por todo o Brasil. Esses eventos são muito importantes dentro da cena no Brasil visto que

Participar das competições é uma maneira de que o cover seja reconhecido pelos demais participantes da cena. Além disso, as competições servem como uma maneira de promover o k-pop no geral (Ibid.). Nem sempre quem assiste às competições conhece o k-pop, principalmente no caso das competições em eventos geek, e as competições podem se tornar uma maneira da pessoa conhecer o gênero e, no caso de quem já as conhece, também podem se tornar uma maneira de conhecer músicas novas (URBANO; KAUTSCHER, 2017, p. 116).

Nesse sentido, é notável que a cena k-cover no Brasil é um dos aspectos principais de práticas culturais com características específicas do fenômeno do K-Pop nacionalmente, sendo importante para a expansão dele no território.

Por conseguinte, a expansão do K-Pop no Brasil evidencia as características do fenômeno não apenas como um simples gênero musical que as pessoas consomem e gostam. O K-Pop é a transnacionalização de uma cultura específica que acaba por gerar comunidades com características próprias aonde quer que ele chegue. No Brasil, é perceptível pela literatura que o K-Pop já dominou diversos espaços das maiores metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro (URBANO; KAUTSCHER; Id., 2016, 2021). Entretanto, há escassa literatura que trata desses movimentos culturais na região do Nordeste, região onde a cena vem crescendo exponencialmente.

2. CENAS MUSICAIS E K-COVER: ALÉM DO TERRITÓRIO

Freitas et al (2019) ao citar um dos elementos que distingue o K-Pop das outras culturas populares enfatiza que o produto gerado “se dirige exclusivamente a consumidores adolescentes, que dominam todo o mercado da cultura popular sul-coreana desde o final dos anos 1990” (p. 55). Dessa forma, é possível visualizar que é impossível destacar o fenômeno do K-Pop da cultura de fandom que existe junto dele, que é o que movimenta a indústria em si. Como bem-dito por Choi e Maliangkay (2015) “O fenômeno K-Pop refere-se à enormidade de toda a resposta ao K-Pop” (p. 12, tradução nossa).

Ademais, os fandoms de K-Pop podem ser encarados como o seu próprio fenômeno cultural, bem representado pelas tribos urbanas. As tribos urbanas são um conceito de Michel Maffesoli “referindo-se à criação de pequenos grupos cujos elementos se unem por partilharem os mesmos princípios, ideais, gostos musicais ou estéticos que assumem a sua máxima expressão e visibilidade na adolescência” (SOUZA; FONSECA, 2009, p. 209). Eles surgem a partir da fragmentação dos grupos sociais no período da pós-modernidade, onde as pessoas estão em constante busca por identidade. No meio dessa crise identitária, “Os membros dessas tribos são esteticamente semelhantes, com roupas iguais, adereços, gosto musical, ideologia política e social. Assim, identificam uns aos outros na heterogeneidade das massas urbanas” e criam entre si um sentimento de pertencimento, que é fundamental na vida em sociedade (SOUZA; DOMINGOS, 2016, p. 1, 3).

Nesse sentido, os fandoms de K-Pop refletem a estrutura das tribos urbanas. A relação entre o produto de K-Pop e seu fandom está relacionado ao consumo dos artistas e tudo aquilo que envolve as suas imagens. Nesse caso, “Consumir se torna um ato de confirmação e pertencimento ao espaço em que você se encontra” (SOUZA; DOMINGOS, 2016, p. 4) fazendo com que se crie uma identidade em comum dos fãs de K-Pop: o K-Popper. Logo, é possível visualizar que ao gerar a criação de uma tribo urbana relacionada à identidade do consumo de K-Pop, os fandoms do gênero (os K-Poppers) são evidenciados como seu próprio fenômeno cultural.

Imagem 1 – Membros dos grupos de k-cover TFX, Star Dance e KRV posando para o programa sergipano Combinado



Fonte: TV Sergipe, 2019.

Como abordado anteriormente, o k-cover na Grande Aracaju é um tipo de cena musical que tem como característica o compartilhamento de espaços com o objetivo de consumo e produção dos covers de canto e dança. Nesse sentido, ela emerge “dos excessos de sociabilidade que cercam a busca de interesses, ou que alimentam a inovação e a experimentação contínuas na vida cultural das cidades” (STRAW, 2004, p. 412, tradução nossa). Elas são esferas circunscritas de sociabilidade, criatividade e conexão que tomam forma em torno de certos tipos de objetos culturais no transcurso da vida social desses objetos (JANOTTI JUNIOR, 2012, p. 9). Diferentemente do conceito de comunidade musical, que se preocupa exclusivamente com a relação entre pessoas, o conceito de cena musical está diretamente ligado à relação entre pessoas, lugares e processos (JANOTTI JUNIOR, 2012, p. 8).

No entanto, os fenômenos culturais que dão origem as cenas, como a música, não são funcionam apenas como justificativa para a ocupação de espaços. Straw

evidencia a importância dessas cenas nos processos históricos culturais atrelados as localidades em que estes pertencem

Music and other cultural forms are not simply alibis for the social interaction that goes on within scenes, however. Their importance within scenes ensures that the commercial investment which produces new places or rituals for socializing comes to be intertwined with a history of cultural forms, and with the arcs of fashionability and popularity which give cultural history its particular dynamic. As scenes shift from one set of places to another, they are not simply engaged in their own movement as collective phenomena. In their often restless movement, scenes inscribe the broader history of social forms upon the geography of the city and its spaces (STRAW, 2004, p. 414).⁶

Ademais, Straw evidencia que a noção de cena não necessita de agentes humanos ativos e sim, pode se referir a “redes, nodos e trajetórias de circulação” (JANOTTI JUNIOR, 2012, p. 3).

A cena musical é um dos mais comumente identificados visto que o consumo de música tem uma sociabilidade urbana mais móvel do que outras formas culturais (STRAW, 2004, p. 413). Isso porque música gera um pretexto para movimentação dentro dos espaços urbanos e o consumo cultural em movimentos de interação coletiva de forma pública (STRAW, 2004, p. 413). Ou seja, o consumo e produção de música é amplamente difundida em espaços urbanos, o que facilita a formação de cenas relacionadas a um gênero ou um fenômeno musical específico. Música também tem um caráter cosmopolita, entretanto, ela está sempre inserida num lugar:

Os festivais de música são mais importantes do que em qualquer outro momento da história, e a vida dos clubes, locais e shows ainda é forte. Em meu primeiro artigo sobre as cenas, falei da replicação de uma série de gostos em um lugar depois do outro. Acho que isto continua acontecendo, e os estilos musicais podem ser de caráter cosmopolita e circulante, mas os eventos musicais ainda estão muito ligados ao local (JANOTTI JUNIOR, 2012, p. 6).

⁶ No entanto, a música e outras formas culturais não são simplesmente álibis para a interação social que ocorre dentro das cenas. Sua importância dentro das cenas faz com que o investimento comercial que produz novos lugares ou rituais de socialização venha a se entrelaçar com uma história das formas culturais e com os arcos de moda e popularidade que dão à história cultural sua dinâmica particular. À medida que as cenas mudam de um conjunto de lugares para outro, elas não estão simplesmente engajadas em seu próprio movimento como fenômenos coletivos. Em seu movimento muitas vezes inquieto, as cenas inscrevem a história mais ampla das formas sociais sobre a geografia da cidade e seus espaços (STRAW, 2004, p. 414, tradução nossa).

A cena k-cover da Grande Aracaju tem todos os elementos de uma cena musical pois gira em torno da movimentação da música pop sul-coreana, juntamente as suas particularidades culturais dentro do próprio fenômeno do K-Pop, dentro de espaços como praças, teatros, universidades etc. A música, também, é utilizada de diversas maneiras dentro da cena. Além de ouvir e compartilhar conversas em comum sobre o gênero musical, a característica do k-cover é a imitação das performances, desde apresentações de canto e dança – amistosas ou não – até brincadeiras e gincanas. Uma das ações culturais mais populares na cena é o chamado “Random Play Dance” onde várias pessoas se unem numa roda e trechos de músicas populares tocam. Quem souber a coreografia, entra no meio da roda e dança.

Imagem 2 – Diversos k-covers no evento Férias com o TFX que ocorreu na Pista de Patinação Larissa Barata na Orla de Atalaia em Aracaju no dia 30/07/2022

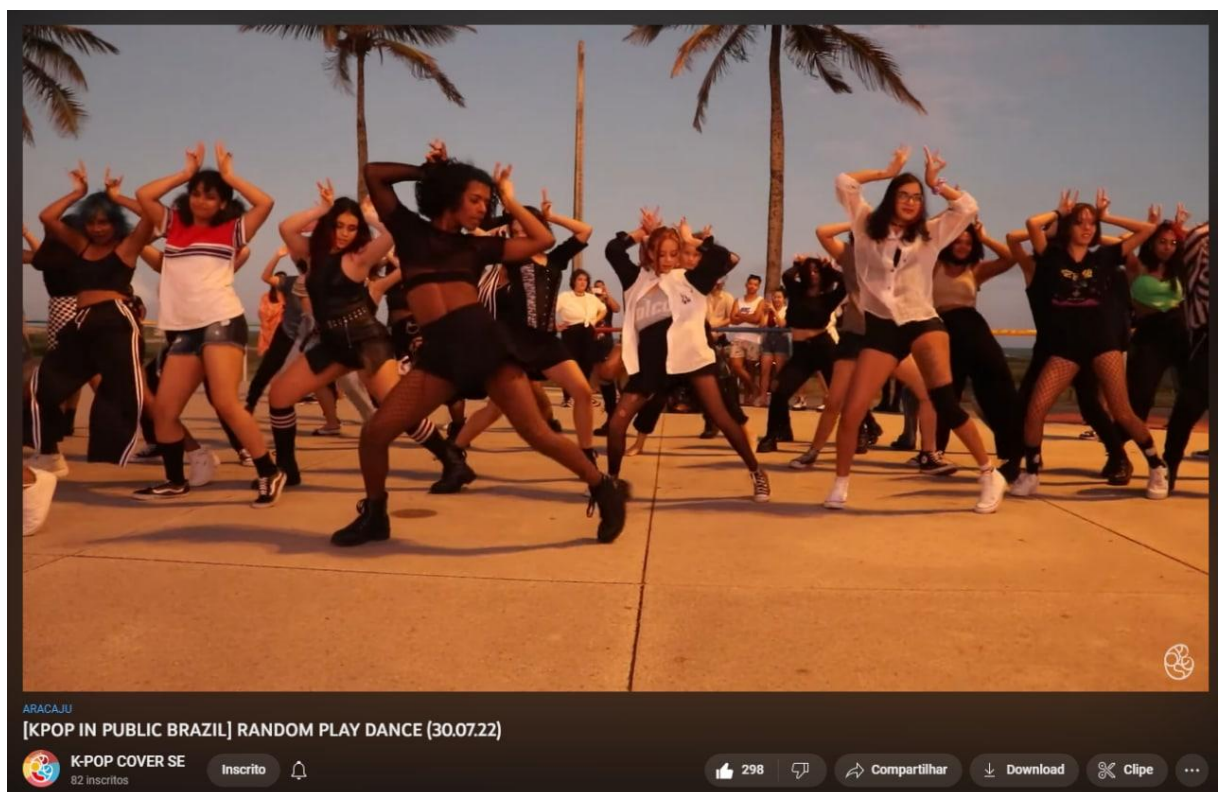


Fonte: Imagem da autora, 2022.

Nesse sentido, cenas musicais são importantes para o capital cultural das cidades. Isso porque, a partir de contato de pessoas com as diversas subculturas é possível se adquirir habilidades interpretativas e uma credibilidade moderna. O inverso também acontece, quando o capital cultural tradicional influencia as subculturas, adquirindo um conhecimento cosmopolita por meio do envolvimento de pessoas instruídas e que se movimentam entre elas (STRAW, 2004, p. 414-415).

Scenes take shape, much of the time, on the edges of cultural institutions which can only partially absorb and channel the clusters of expressive energy which form within urban life. Just as they draw upon surpluses of people, scenes may be seen as ways of “processing” the abundance of artifacts and spaces which sediment within cities over time (STRAW, 2004, p. 416).⁷

Imagem 3 – Vídeo de Random Play Dance que ocorreu na Pista de Patinação Larissa Barata, na Orla da Atalaia, Aracaju-SE



⁷ As cenas tomam forma, na maior parte do tempo, nas margens de instituições culturais que podem absorver e canalizar apenas parcialmente os aglomerados de energia expressiva que se formam na vida urbana. Assim como se valem de excedentes de pessoas, as cenas podem ser vistas como formas de “processar” a abundância de artefatos e espaços que se sedimentam nas cidades ao longo do tempo (STRAW, 2004, p. 416, tradução nossa).

Fonte: Canal do Youtube do K-Pop Cover SE⁸

No caso do k-cover, ela demonstra o sucesso da cosmopolitização do K-Pop e da cultura coreana, de certa forma, ao mesmo tempo em que fomenta uma movimentação cultural de forma atrativa. Ao observar a Imagem 4, por exemplo, podemos observar uma ação que é característica do k-cover, o Random Play Dance. Essa ação é comum em cenas de várias partes do globo onde o K-Pop é difundido. No entanto, quando ela é posta na localidade que evidencia a cidade de Aracaju, ela ganha um aspecto diferenciado de outras pois o espaço acaba por influenciar essas relações socioculturais que envolvem o fenômeno.

De acordo com Straw (2004), “A cena é uma forma de falar da teatralidade da cidade – da capacidade da cidade de gerar imagens de pessoas ocupando o espaço público de forma atrativa” (p. 412, tradução nossa). Ou seja, a realização de ações culturais da cena k-cover na Grande Aracaju movimenta o potencial cultural que a região pode exercer. Voltando à Imagem 3, podemos visualizar que o local de realização enfatiza as características da cidade, funcionando como uma espécie de cartão-postal da cena e da própria Aracaju.

Nesse sentido, as cenas musicais têm uma importância relevante na dinâmica existente nas relações socioculturais das cidades. Elas mobilizam esforços locais em múltiplas direções. Elas influenciam nos tipos formais de atividades sociais ou empresariais ao mesmo passo que num nível mais amplo, coalescem energias culturais onde as identidades coletivas tomam forma (STRAW, 2004, p. 412). Por esse motivo, deve-se enfatizar a importância das políticas públicas para a manutenção e fortalecimento delas.

Public policies of all sorts help to shape the spaces within which cultural scenes coalesce as moments in a city's collective life. Scenes actively seize these spaces in their own restless, creative quests for opportunity (STRAW, 2004, p. 419).⁹

⁸ [KPOP IN PUBLIC BRAZIL] RANDOM PLAY DANCE (30.07.22), 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tLbdlOtDubM>. Acesso em: 15 nov. 2022.

⁹ Políticas públicas de todos os tipos ajudam a moldar os espaços nos quais as cenas culturais se fundem como momentos da vida coletiva de uma cidade. As cenas aproveitam ativamente esses espaços em suas próprias buscas criativas e inquietas por oportunidades (STRAW, 2004, p. 419).

Por conseguinte, a cena k-cover da Região Metropolitana de Aracaju tem ganhado forma, se organizando em torno de ações culturais em diferentes espaços que são possíveis dentro da região. Esses espaços são responsáveis por moldar e movimentar relações intersociais de pessoas que buscam se unir em torno de uma identidade comum. Além disso, é possível visualizar que esses movimentos culturais que surgem da cena k-cover dão um caráter rico ao capital cultural da Grande Aracaju e podem ser beneficiados pela utilização de políticas públicas de incentivos a tal e vice-versa.

Imagem 4 – Grupo k-cover Black Moon se apresentando na 6ª edição da competição de dança k-cover Aracaju K-Pop Festival que ocorreu no Teatro Atheneu em Aracaju no dia 17/07/2022



Fonte: André Silva, 2022.

3. A CENA K-COVER NA GRANDE ARACAJU

No mundo contemporâneo, os espaços urbanos são onde fenômenos culturais tendem a florescer devido ao caráter pós-moderno das relações sociais. Diversas pessoas de diferentes origens e valores se unem a partir de interesses em comum a fim de buscar uma noção identitária própria num universo onde as identidades são cada vez mais fragmentadas. É a partir daí que surgem as cenas culturais. Esse conceito, sistematizado por Will Straw, relaciona atividades culturais e território, designando “grupos particulares de atividade social e cultural sem especificar a natureza das fronteiras que os circunscrevem” (STRAW, 2004, p. 412, tradução nossa). Elas podem se distinguir a partir de uma localidade ou o tipo de atividade e/ou produção cultural que gere coesão entre um grupo social. Esse é o caso das cenas musicais por exemplo, como a cena k-cover.

Nesse contexto, esse capítulo irá descrever aspectos da cena k-cover na Região Metropolitana de Aracaju – conhecida também como Grande Aracaju – que engloba os municípios de Aracaju, Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão. Os dados foram obtidos através de um questionário online realizado através do Formulários do Google e divulgado em redes sociais como Instagram e WhatsApp. No total, foram obtidas 53 respostas que ilustraram diversas visões de pessoas que participam da mesma cena. Como questionário foi realizado de forma online e possui perguntas subjetivas, foi optado por não realizar a correção da linguagem utilizada. No entanto, em casos em que houve erros que complicam o entendimento foi feito a devida correção.

O questionário foi dividido em 2 seções intituladas “Um breve perfil socioeconômico: quem integra a cena k-cover da Grande Aracaju?” e “Imersão num universo diferente: experiências do k-cover na Grande Aracaju”. A primeira seção, como o título bem evidencia, fez um mapeamento do perfil socioeconômico das pessoas que frequentam a cena traçando características como faixa etária, cor ou raça, identidade de gênero, sexualidade, grau de escolaridade e renda familiar mensal per capita. A segunda seção buscou mapear as experiências das pessoas que frequentam a cena k-cover na Grande Aracaju, procurando identificar a relação dessas com o fenômeno do K-Pop – tipo de consumo, há quanto tempo se consome, o que atrai essas pessoas pelo fenômeno – além de identificar as características específicas da cena na região, como ocupação de espaços, fluxo de capital, impactos

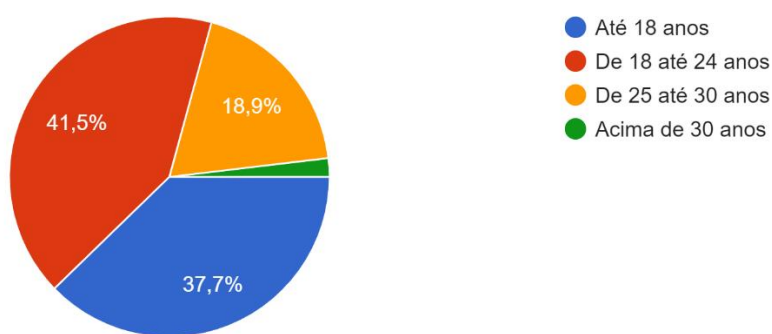
pessoais e dificuldades enfrentadas. Nesse sentido, os seguintes subcapítulos analisarão as respostas de cada uma dessas seções.

3.1. *Um breve perfil socioeconômico: quem integra a cena k-cover da Grande Aracaju?*

Ao analisarmos o perfil socioeconômico da cena k-cover da Grande Aracaju podemos fazer algumas observações. Em relação a faixa etária das pessoas que praticam o k-cover é possível observar que a maior parcela possui entre 18 e 24 anos, representando 41,5% das respostas coletadas. Em seguida, não muito atrás, há a faixa daqueles que possuem até 18 anos de idade, com 37,7% das respostas. Isso pode demonstrar o fato de que o consumo e a prática do k-cover é uma cultura majoritariamente de juvenil ou de jovens adultos. No mais, as pessoas entre 25 e 30 anos representam 18,9% e aqueles acima de 30 anos possuem a menor parcela, representando menos de 2% das respostas.

Figura 1 – Faixa etária dos k-covers da Grande Aracaju

Faixa etária:
53 respostas



Fonte: Figura da autora

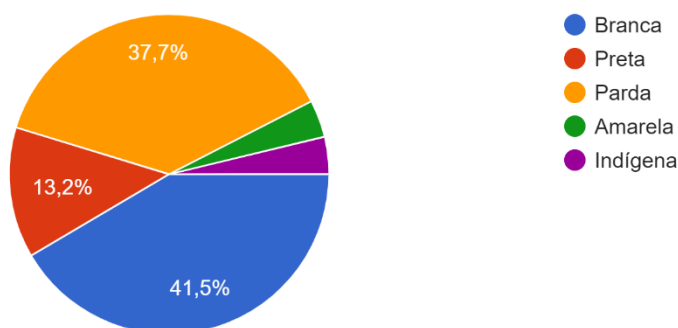
No que diz respeito à cor ou raça, a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que possui 5 autodeclarações da população brasileira:

branco, pardo, preto, amarelo e indígena. Na pesquisa de mapeamento, a maior porcentagem das respostas da cena k-cover da Grande Aracaju é de pessoas que se identificam como brancas, representando 41,5% das respostas. Em sequência, com 37,7%, pessoas que se identificam como pardas e com 13,2%, pessoas que se declaram pretas. No entanto, ao somarmos os dados das pessoas que se identificam como pretas ou pardas, podemos observar que eles sozinhos representam mais da metade das respostas, com aproximadamente 50,9%. Àqueles que se identificam como amarelos ou indígenas foram responsáveis 3,8% das repostas cada. Nesse sentido, é possível visualizar que essa cena é composta majoritariamente de pessoas identificadas como brancas, pretas ou pardas.

Figura 2 – Cor ou raça dos k-covers da Grande Aracaju

Cor ou raça (de acordo com a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE):

53 respostas



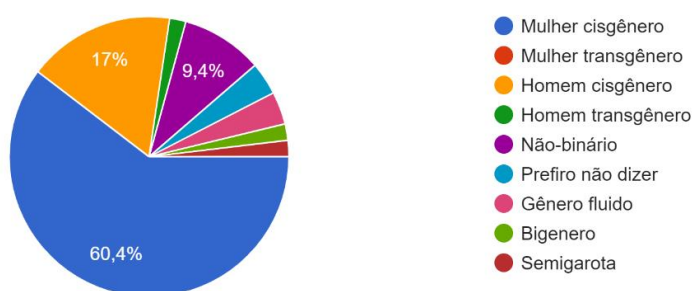
Fonte: Figura da autora

Outros aspectos mapeados foram a identidade de gênero e a orientação sexual dos integrantes da cena. Entende-se como identidade de gênero, a autoconcepção de um indivíduo dentro das características femininas e masculinas de identificação social, incluindo aqueles que se identificam com e/ou flutuam com ambos ou não se identificam com nenhum dos dois (BRITANNICA, 2020). Já orientação sexual pode ser definida como “o padrão duradouro de atração emocional, sexual e/ou romântica

de um indivíduo” (ELDRIGE, 2022). Em relação à identidade de gênero e sexualidade podemos observar aspectos interessantes.

Figura 3 – Identidade de gênero dos k-covers da Grande Aracaju

Identidade de gênero:
53 respostas



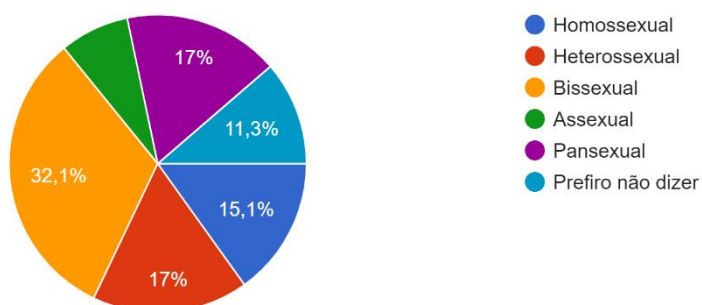
Fonte: Figura da autora

Por um lado, a maior parte das respostas representaram identidades cisgêneros, tendo mulheres cisgêneros como a maioria simples, com mais de 60%, e homens cisgêneros em seguida, com 17%. No entanto, houve respostas significativas que representam as identidades queer¹⁰, destacando-se os não-binários, com 9,4% das repostas. Por outro lado, quando analisamos os dados de orientação sexual coletadas as coisas são bem diferentes. A cena k-cover da Grande Aracaju tem as sexualidades queer – que inclui homossexuais, bissexuais, assexuais e pansexuais – como uma esmagadora maioria, representando cerca de 71.6% quando somados. As pessoas que se identificam como heterossexuais tiveram 17% das respostas e 11,3% preferiram não se identificar.

¹⁰ Queer é utilizado aqui como um termo guarda-chuva que representam aquelas pessoas que não se encontram dentro dos padrões de heteronormatividade e/ou são minorias sexuais, ou seja, que não são heterossexuais ou não são cisgênero.

Figura 4 – Orientação sexual dos k-covers da Grande Aracaju

Orientação sexual:
53 respostas



Fonte: Figura da autora

Dessa forma, é possível dizer que a cena da Região Metropolitana de Aracaju é um espaço que incluem pessoas que possuem identidades marginalizadas – incluindo cor ou raça, orientação sexual e identidade de gênero – em outros espaços. Esse não é um caso isolado. Em um estudo, Soares e Silva (2020) ressaltam a ideia de que os covers de K-Pop na América Latina têm como característica as “coreografias de gênero”. De acordo com os autores

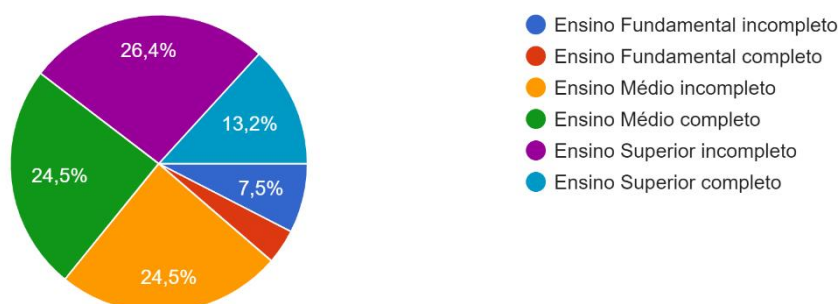
Os grupos de K-covers que contam com homens negros, mestiços, gordos e portanto dissidentes dos padrões de corporalidades ideais da indústria sul-coreana são julgados nos ambientes de compartilhamento de vídeos tanto por uma fidelidade às coreografias quanto pela capacidade de reencenação e territorialização dos gestos dos artistas de K-pop em contextos distintos. Sustenta-se portanto, a ideia de que, apesar de cumprirem os movimentos desenhados pelas coreografias do K-pop, estes K-covers apresentam uma outra ideia de atitude que circunda o imaginário sobre as comunidades LGBTQIA+: a ideia da bicha, da lacação, close e da afetação - conjunto de acionamentos performáticos que se materializam na interculturalidade, ou seja, na zona de contato dos materiais simbólicos do K-pop com os contextos culturais diversos (SOARES; SILVA, 2020, p. 15).

Outrossim, foi também mapeado no questionário de pesquisa o grau de escolaridade dos participantes. Define-se como grau escolaridade o nível em que um indivíduo possui em relação às etapas de estudo que foram iniciadas ou concluídas.

Essa classificação é bem dividida dentro da cena da Grande Aracaju. A maior parcela das respostas representa àqueles que possuem o Ensino Superior incompleto, com 26,4%. Não estando muito atrás, as outras respostas que se destacaram foram as que representam o Ensino Médio completo ou incompleto, ambos com 24,5% dos resultados cada. Isso reflete bem a faixa etária das pessoas que participam da cena, visto que essas são majoritariamente jovens.

Figura 5 – Grau de escolaridade dos k-covers da Grande Aracaju

Grau de escolaridade:
53 respostas



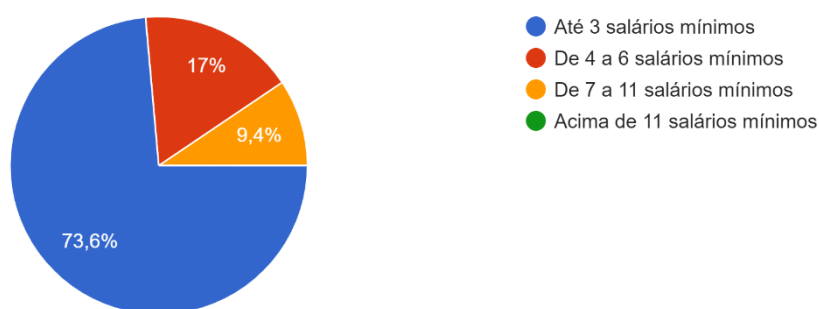
Fonte: Figura da autora

Por fim, foi mapeada a renda familiar mensal per capita dos participantes da cena. Nesse aspecto, a renda familiar mensal per capita é a soma da renda individual dos moradores de um grupo familiar dividido por esse mesmo número de moradores. Entende-se como grupo familiar a unidade nuclear composta por uma ou mais pessoas, eventualmente ampliada por outras pessoas que contribuam para o rendimento ou tenham as despesas atendidas por aquela unidade familiar, todas moradoras em um mesmo domicílio. Nos resultados encontrados, pode-se destacar o fato de que a grande maioria dos participantes da cena tem renda de até 3 salários-mínimos, representando 73,6% das respostas. Nota-se, também, que nenhuma pessoa respondeu uma renda acima de 11 salários-mínimos.

Figura 6 – Renda familiar mensal per capita dos k-covers da Grande Aracaju

Renda familiar mensal per capita (Entende-se como grupo familiar a unidade nuclear composta por uma ou mais pessoas, eventualmente ampliada...iliar, todas moradoras em um mesmo domicílio):

53 respostas



Fonte: Figura da autora

3.2. *Imersão num universo diferente: experiências do k-cover na Grande Aracaju*

Nesta seção do mapeamento, buscou-se trazer aspectos das experiências das pessoas que praticam k-cover na Grande Aracaju, tentando ilustrar de forma mais clara quais as características da estrutura geral da cena. Num primeiro momento as questões tiveram como direcionamento entender a relação dos integrantes da cena com o K-Pop e seu consumo e em um segundo momento entraremos nos elementos que envolvem a prática do k-cover em si.

Figura 7 – Como você descobriu o K-Pop?

Como você descobriu o K-Pop?

53 respostas

**Fonte:** Figura da autora

Nesse contexto, a primeira questão se refere à forma como as pessoas tiveram os primeiros contatos com o fenômeno do K-Pop. As duas formas que mais se destacaram foram através de amigos, representando 47,2% das respostas e através de mídias sociais como Youtube, Facebook, Twitter, Spotify, etc., representando 43,4% das respostas. Aqueles que detalharam mais o primeiro contato com o fenômeno evidenciaram a importância do Youtube como principal veículo de mídia social para essa troca cultural. Várias respostas descreveram os MVs – abreviação para music videos (clipes musicais) – como a forma que o primeiro contato fora estabelecido. Até quando o contato é feito através de amigos, os clipes musicais funcionam como um instrumento de aproximação com o fenômeno. Por exemplo:

Eu já ouvia jpop/assistia animes, até que um determinado dia ouvindo jpop (na verdade era um grupo coreano que havia lançado uma música em japonês), apareceu como indicação no youtube esse mesmo grupo com outra música, aí curiosa eu fui assistir, como achei semelhante e interessante, acabei ouvindo mais e mais, me aprofundi no mundo kpop e foi isso (RESPOSTA 43).

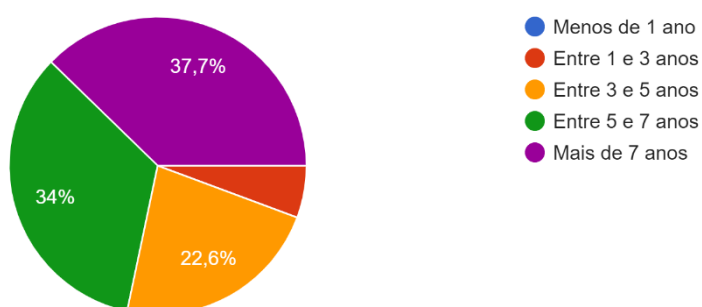
Meu irmão me mostrou o clipe 'Electric Shock' do grupo F(x) quando eu tinha 12 anos, desde então estive acompanhando o k-pop e não levou muito tempo para que eu me interessasse nos covers de dança. (RESPOSTA 27).

Um vídeo de react do Felipe Neto quando eu tinha umas 12 anos, depois daquele vídeo começou a aparecer vários mv's e eu fiquei viciado em red velvet. Depois conheci mais e mais grupos e foi assim até hj (RESPOSTA 26).

As respostas evidenciaram também que o consumo de K-Pop na Grande Aracaju não é tão recente assim. A maior parte dos resultados indicou o consumo há mais de 7 anos, representando 37,7% das respostas, seguido daqueles que consomem há entre 5 e 7 anos, representando 34% das respostas. Em porcentagens menores tem aqueles que estão imersos no fenômeno há até 5 anos, que somados, representam 28.3% das respostas.

Figura 8 – Há quanto tempo você consome K-Pop?

Há quanto tempo mais ou menos você consome K-Pop?
53 respostas

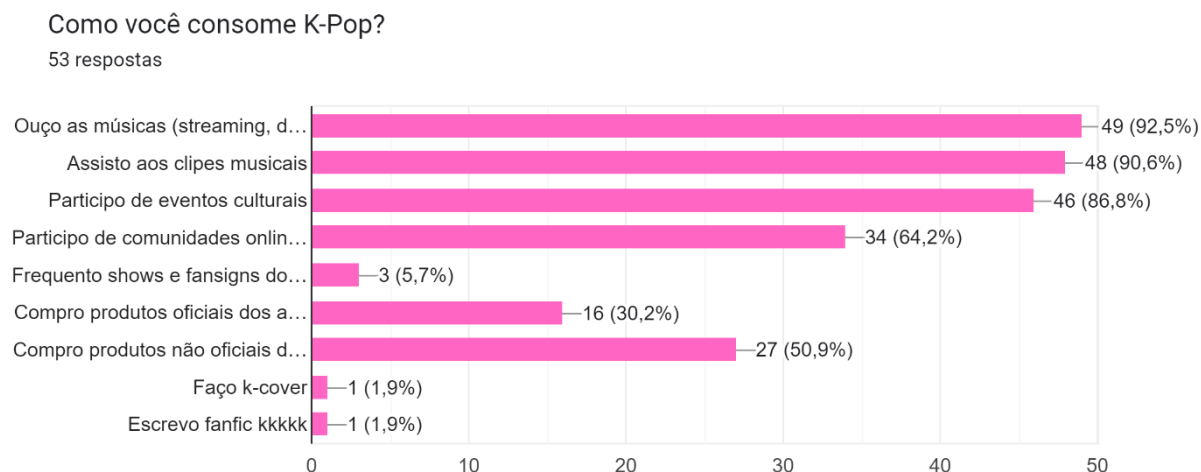


Fonte: Figura da autora

No que diz respeito à natureza do consumo do fenômeno entre os sergipanos, é possível observar diversas maneiras de imersão. No questionário foram indicadas algumas formas onde àquele que respondesse poderia selecionar várias opções, além de sugerir outras. Das respostas, 92,5% responderam que ouvem a música via streaming ou download, 90,6% assistem aos clipes musicais e 86,8% participam de eventos culturais onde o fenômeno é explorado. Em números menores, as respostas também indicaram que 64,2% participam de comunidades online dos artistas que eles gostam, 30,2% compram produtos oficiais dos artistas, ao passo que mais pessoas

compram produtos não oficiais, representando 50,9% dos que responderam. A forma de consumo menos selecionada foi sobre frequentar shows e fansigns¹¹ dos artistas, representando menos de 6% daqueles que responderam.

Figura 9 – Como você consome K-Pop?



Fonte: Figura da autora

Seguindo, em uma pergunta subjetiva, foi buscado entender qual é o apelo do K-Pop para esse público, ou seja, quais características do fenômeno que atraíram o público específico a ser analisado. Nesse sentido, Muitas respostas enfatizaram a relação que o fenômeno tem com a dança e as coreografias, o que faz sentido visto que o público-alvo da pesquisa consiste majoritariamente de pessoas que praticam covers de dança.

Eu sempre gostei de dançar desde criança, hoje estudo dança e as coreografias e o conjunto das obras do kpop me fascinam muito! (RESPOSTA 3).

¹¹ *Fansigns* são sessões de autógrafos dos artistas de K-Pop. Eles podem ocorrer em eventos maiores ou serem o próprio evento em si. Nele, os fãs podem interagir e entregar presentes para seus ídolos favoritos, além de receberem autógrafos, normalmente em pôsteres ou CDs.

As danças. O conceito diferente do meu antigo cotidiano me chamou atenção, as coreografias me encantaram mais ainda. (RESPOSTA 23).

[...] as coreografias também foram o que mais me prendeu a atenção, ver grupos que não só cantavam no ao-vivo, mas com coreografia completa e muita estética. (RESPOSTA 31).

Ademais, algumas respostas abordaram a questão da diversidade de conceitos que você pode encontrar dentro de um só fenômeno, fazendo com que diferentes pessoas possam se identificar com diferentes conceitos visuais e gêneros musicais.

As estéticas, conceitos, o carisma dos integrantes dos grupos, teorias, músicas, figurinos.... (RESPOSTA 19).

Diversidade tanto no som quanto na composição da performance em si, sempre fui atraído a performance então ver um grupo com talentos distintos interpretando a mesma música é muito atrativo pra mim (RESPOSTA 10).

Outros aspectos vistos nas respostas foram a abordagem da diferença da indústria do K-Pop com a indústria de música pop ocidental, enfatizando questões como estética, fan service¹², musicalidade, performance, profissionalismo.

Ser um estilo musical um tanto familiar em relação ao que estamos acostumados a ouvir dos Estados Unidos, entre outros, mas ao mesmo tempo ser um mundo completamente novo, com uma cultura e costumes extremamente diferente dos nossos costumes ocidentais e latinos, em que mesmo que você não curta tanto o estilo de música de um artista, você ainda tem a opção de consumir e gostar de seu conteúdo, e vice versa (RESPOSTA 16).

Seu jeito diferente de produzir música, afinal eu nunca fui muito fã do pop americano. Mas as superproduções do Kpop realmente me chamaram a atenção (RESPOSTA 48).

¹² Fan service é utilizado normalmente nas mídias visuais para indicar elementos utilizados para atrair uma audiência entregando àquilo que esse público deseja. Dentro da cultura do K-Pop, abrange todos os tipos de ação (físicas ou verbais) que sejam desejadas pelos fãs.

Fanservice. E a clara cópia ao Jpop. Kpop surgiu numa época que o Japão produzia mais idols para dentro do país, então ter acesso aos conteúdos era mais difícil. Isso acabou levando um leve "declínio" para jpop. A Coreia copiou isso em tempo hábil, e sempre procurou exportar a indústria para fora (mesmo que antigamente fosse de forma controlada) (RESPOSTA 34).

As formações dos grupos, a forma como eles precisam treinar antes de debutarem, a diferença entre artistas dos EUA em comparação aos coreanos, já que os coreanos sempre tem MVs super bem feitos, coreografias bem elaboradas, o "contato" dos idols para com os fãs, já que existem grupos que lançam álbum 2 ou mais vezes ao ano, fazem programas de variedades, fazem live, vão aos music shows (RESPOSTA 49).

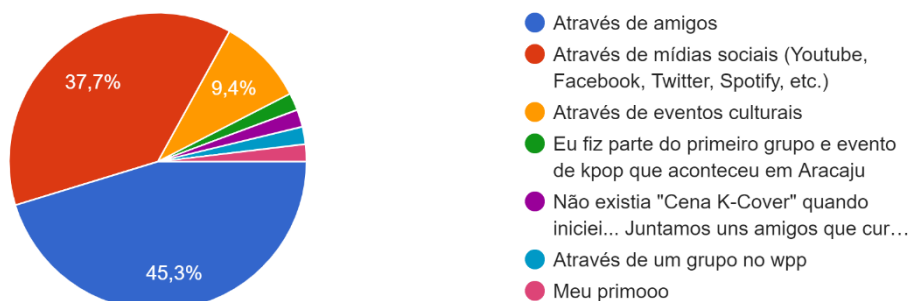
Nesse sentido, é possível visualizar uma estrutura específica dentro do fenômeno do K-Pop de maneira que atrai um determinado público-alvo independentemente de gênero, raça, sexualidade ou nacionalidade. A variedade de gêneros musicais, performances audiovisuais e o foco na coreografia são os principais elementos que atraíram o público sergipano. Por conta dessa diversidade na natureza dos elementos, diferentes tipos de pessoas com diferentes gostos podem se identificar dentro de um grupo social só.

A prática do k-cover é uma das principais formas de consumo de K-Pop não foi evidenciada anteriormente de forma proposital. Isso porque, fica subentendido pelos requisitos de resposta do questionário a participação na cena. Ou seja, todos aqueles que responderam praticam k-cover de alguma maneira. Entretanto, àquele que é K-Popper não necessariamente pratica o k-cover e, por esse motivo, que existem diferenças no nível de imersão. A partir de agora, serão especificados os resultados acerca das experiências específicas da prática de k-cover na Grande Aracaju.

Figura 10 – Como você descobriu que havia uma cena k-cover na Grande Aracaju?

Como você descobriu que havia uma cena k-cover na Grande Aracaju?

53 respostas



Fonte: Figura da autora

Quando destacamos a maneira em que o público-alvo da pesquisa teve o primeiro contato com a cena é possível observar o fato de que a maior parte das pessoas conheceram o k-cover a partir do contato com amigos que já a conheciam anteriormente. Cerca de 45,3% conheceram a cena através de amigos, seguido de 37,7% que conheceram através das mídias sociais. Os eventos culturais são um espaço importante dentro da cena na Grande Aracaju, mas representam uma minoria, com 9,4% das respostas. Alguns detalharam seus primeiros contatos e, destaca-se em algumas respostas a importância dos eventos de cultura japonesa na imersão desse público na cena.

A comunidade surgiu inicialmente como um grupo de amigos que se encontravam nos piqueniques da comunidade otaku da cidade (RESPOSTA 27).

Frequentando Eventos Otaku, acabei conhecendo um pessoal que curti KPOP e tinha um projeto de implementar e divulgar essa cultura... Nos reunimos, fizemos algumas ligações e contatos, ensaiamos e lá estávamos nós... Apresentando nos Eventos Otaku e todo mundo achando que era J-Music kkkk (RESPOSTA 19).

Descobri por um amigo meu que frequentava os eventos e, ao descobrir que eu havia iniciado minha "vida no kpop", me convidou para assistir. O primeiro evento foi em 2018, se não me engano foi um dos AKF (RESPOSTA 25).

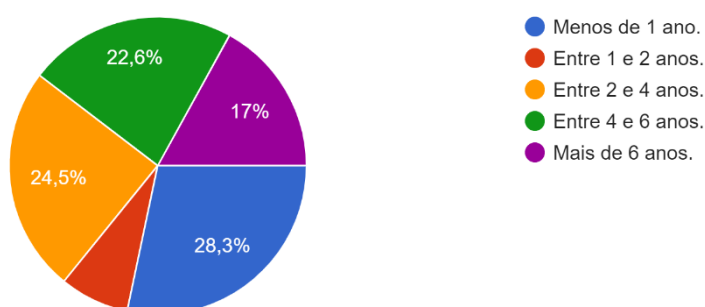
Encontrei os grupos de cover através das mídias sociais, até então achava interessante porém nunca tinha me apresentado (apesar de já ter gravado covers para o YouTube, desde 2015). Quando minha amiga que fazia parte do meu antigo grupo se mudou para morar comigo, decidimos participar dos eventos e fazer apresentações. Nossa primeira apresentação foi um sucesso, e nos divertimos muito, o que nos incentivou a continuar (RESPOSTA 21).

Em relação ao tempo de participação na cena, pode-se observar que, apesar de que, como visto anteriormente, a maioria das pessoas consomem K-Pop na Grande Aracaju há, pelo menos, mais de 5 anos, a maior parte das pessoas participam da cena de k-covers há menos de um ano, representando 28,3% das respostas. Logo depois vem aqueles participam há cerca de entre 2 e 4 anos, com 24,5% e 4 e 6 anos, com 22,6%. Os que participam há mais de 6 anos representam a menor porcentagem, mas com pouca diferença entre os outros, com 17% das respostas.

Figura 11 – Há quanto tempo você participa da cena k-cover na Grande Aracaju?

Há quanto tempo você participa da cena k-cover na Grande Aracaju?

53 respostas



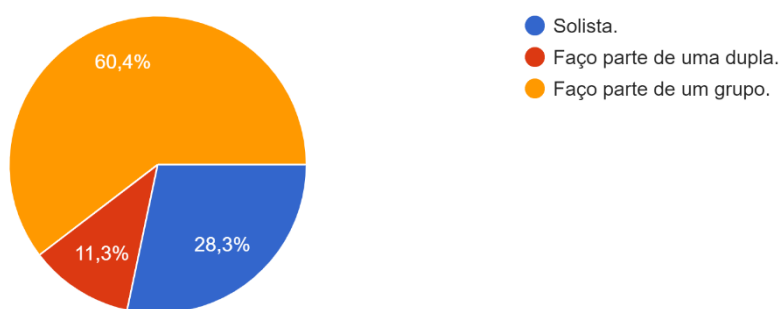
Fonte: Figura da autora

A maior parte das pessoas participam de grupos de 3 ou mais pessoas, sendo 60,4% dos participantes da cena, o que reflete o próprio fenômeno do K-Pop, que gira em torno dos grupos de idols. Algumas pessoas não participam de grupos, se

apresentando como solistas e representam 28,3% das respostas do questionário. Numa porcentagem menor, existem aqueles que participam de duplas, representando 11,3% dos resultados. Ainda, existem aqueles que não se limitam a apenas uma dessas categorizações, ou seja, poderão se apresentar com dois grupos distintos, uma dupla segmentada do seu grupo original ou até separar sua persona enquanto solista da sua persona como o membro de um grupo. No entanto, não é algo muito comum na cena, representando 9 das 53 respostas, 17% do total.

Figura 12 – Você é solista, faz parte de uma dupla ou de um grupo?

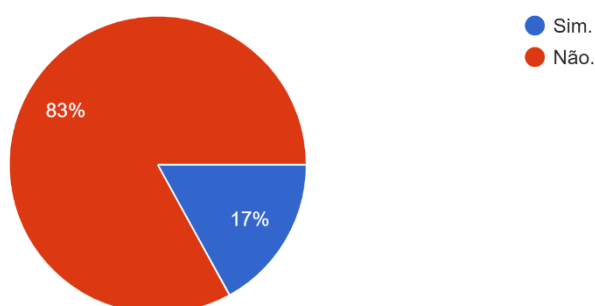
Você é solista, faz parte de uma dupla ou faz parte de um grupo (3 ou mais integrantes)?
53 respostas



Fonte: Figura da autora

Figura 13 – Você participa de mais de um projeto k-cover?

Você faz parte de mais de um projeto k-cover (ex.: participa de dois grupos distintos)?
53 respostas

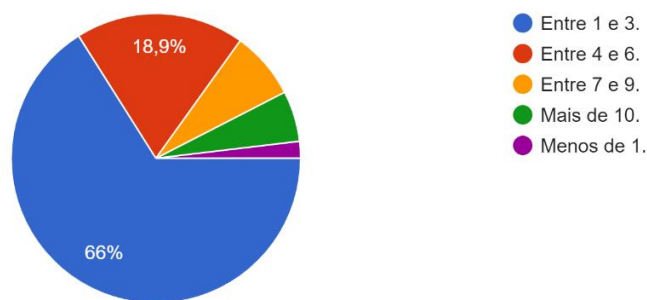


Fonte: Figura da autora

Ao questionar acerca dos eventos direcionados aos k-covers na Grande Aracaju, podem ser feitas algumas observações encontradas nos resultados do questionário de pesquisa. 66% das respostas indicaram a participação de entre 1 e 3 eventos por ano, o que evidencia uma baixa participação da cena em eventos culturais e/ou a existência de poucos eventos que abarcam elementos da cena. Ademais, foi evidenciado os seguintes espaços frequentados pelos integrantes da cena: parques e praças públicas, teatros, shoppings, centros culturais, boates e casas de shows e universidades. Os teatros são os espaços mais comuns para eventos, seguidos dos parques e praças públicas. Isso pode se dar ao fato de que os eventos mais comumente organizados possuem a natureza de apresentações de canto e/ou dança, sendo esses amistosos ou competições. Outros tipos de eventos culturais de k-cover incluem gincanas, encontros e festas temáticas.

Figura 14 – Quantos eventos da cena, por ano, você costuma participar?

Quantos eventos da cena, por ano, você costuma participar?
53 respostas

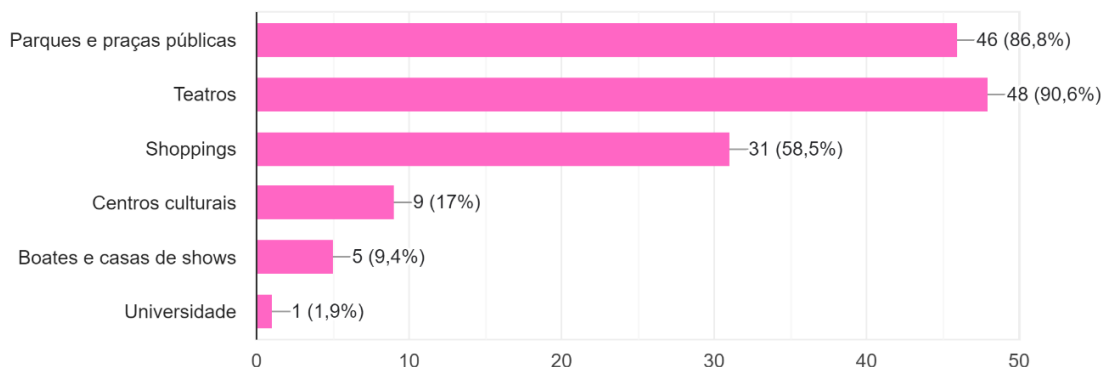


Fonte: Figura da autora

Figura 15 – Quais espaços você frequenta dentro da cena?

Quais espaços você frequenta dentro da cena?

53 respostas

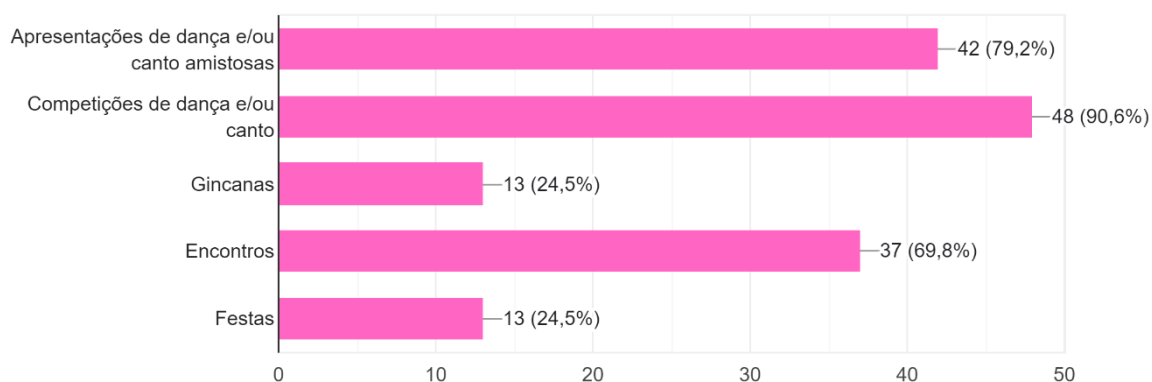


Fonte: Figura da autora

Figura 16 - Qual a natureza dos eventos organizados para a cena que você participa ou participou?

Qual a natureza dos eventos organizados para a cena que você participa ou participou?

53 respostas



Fonte: Figura da autora

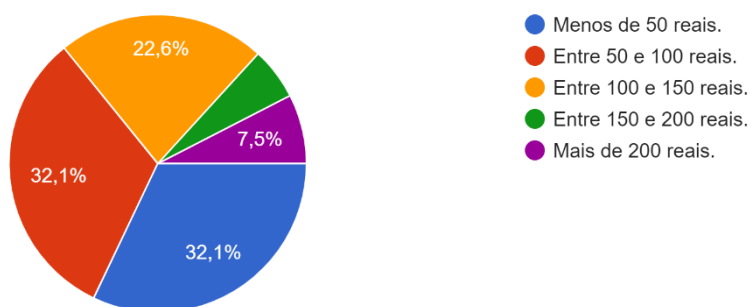
No que diz respeito à movimentação financeira na cena, foi colocada como pergunta no questionário quais os gastos mensais de cada pessoa com coisas da cena, incluindo transporte, alimentação, contribuições internas – como equipamentos, locações de espaços, figurinos –, participação em eventos etc. Os resultados foram

bem variados. A maior parte das pessoas gastam menos de 50 reais ou entre 50 e 100 reais por mês, representando 32,1% das respostas cada. Logo em seguida vem aqueles que gastam entre 100 e 150 reais, representando 22,6% das respostas, seguido dos que gastam mais de 150 reais, onde a soma total é de 13,2% das respostas. Isso evidencia que não existem grandes gastos individuais com a cena pela maioria das pessoas. Uma possível justificativa para esse fato se deve à baixa movimentação da cena na Grande Aracaju, onde a maior parte do público depende dos eventos, que são escassos.

Figura 17 - Quanto você gasta mensalmente com a cena?

Quanto você gasta mensalmente com a cena (incluindo transporte, alimentação, contribuições internas, eventos, etc.)?

53 respostas



Fonte: Figura da autora

A pesquisa buscou, também, abordar aspectos mais subjetivos da experiência do k-cover na Grande Aracaju. Nesse sentido, foi explorado o impacto da cena na vida desse público específico para se entender qual a importância para cada um num nível pessoal e, também, evidenciar a importância social da cena. Dessa forma, ao analisar os resultados é possível fazer algumas observações interessantes. Grande parte das respostas evidenciaram que a participação ativa na cena trouxe retornos pessoais muito positivos, influenciando na expressão pessoal, na socialização e na saúde física e mental. Ademais, para muitos, a prática do cover é um escape saudável das dificuldades da vida que essas pessoas enfrentam.

Tenho transtornos, mas estar num grupo cover com meus amigos me ajuda a focar em algo e pensar que vai dar tudo certo; me ajuda a ter determinação, esperança e persistência. É muito bom ver que estou fazendo algo legal e que o resultado está chegando gradativamente (RESPOSTA 18).

Performar me traz bastante alegria, poder apresentar minhas músicas favoritas e ter o apoio das pessoas, apoiar os outros grupos e ver suas apresentações, é uma forma de me conectar além de me expressar. Ela tomou boa parte do meu tempo e esforço (RESPOSTA 31).

Acredito que minha vida mudou bastante desde que comecei a atuar como cover. Desde a minha autoestima e autoimagem que melhoraram drasticamente, até o empenho com a minha saúde, física e mental. Estar na comunidade e fazer o que descobri ser uma de minhas grandes paixões, me tornou uma pessoa bem diferente e eu sou grata por isso [...] (RESPOSTA 50).

Outrossim, a cena é vista como uma grande espaço de afirmação e pertencimento numa comunidade onde os membros compartilham uma identidade comum relacionada ao interesse relativamente nichado. Muitas das respostas enfatizaram como participar dos eventos e compartilhar a experiência de dançar no mesmo grupo foi essencial para criar vínculos de amizades duradouros.

Tenho muito mais contato com outros artistas de kpop e tenho a possibilidade de encontrar pessoas com gostos semelhantes aos meus (RESPOSTA 15).

Conheci amigos pra TODA A VIDA, que levo até hoje... Nos reunimos pra reclamar que os tempos de antigamente eram melhores, falar do BTS em segredo e enaltecer o SISTAR, SNSD, Super Jr. e o EXO <3 (RESPOSTA 28).

Poder ver que as pessoas gostam da mesma coisa que eu e me sentir mais acolhida por gostar de algo que ainda não tem boa visibilidade na sociedade (RESPOSTA 41).

Por fim, um dos impactos que pode ser evidenciado entre as respostas coletadas foi a importância cultural da fomentação da cena na Região Metropolitana de Aracaju. Ademais, buscou-se também com o questionário explorar o lado negativo da cena para aqueles a integram. Nesse sentido, um primeiro ponto a ser levantado

sobre as respostas é o fato de que a cena é estranhada por aqueles que não a integram, fazendo com que os k-covers sintam um certo preconceito por outros devido à natureza cultural distante.

Algumas pessoas levam o kcover como um passatempo, hobbie, o que também não deixa de ser, mas desvalorizam toda história e cultura por trás disso. Como se fosse algo sem sentido ou " para crianças ". Isso me afeta um pouco pois os mesmos n veem meu lado profissional por conta disso (RESPOSTA 7).

Por ser uma cultura de fora, é frequente olhares tortos, julgando meu estilo, minha dança, meu gosto, além de comentários negativos para com isso (RESPOSTA 23).

Quando uma coisa é relativamente nova, como é o k-cover por aqui existe todo tipo de preconceito. Desde meus pais que não entendem o quanto isso me faz bem, e criticam o 'tempo desperdiçado' com essas coisas. Como também a dificuldade da comunidade ser levada a sério até mesmo por aqueles que dizem parte dela, que formam empresas e eventos dizendo ser para nós e por nós. Às vezes é muito difícil passar por cima de tudo isso e ainda ter que depender do comprometimento dos outros para construir algo e ser reconhecido por isso (RESPOSTA 50).

Um outro ponto evidenciado pelas respostas foram as dificuldades logísticas enfrentadas pelos grupos. Dentre as dificuldades estão as questões financeiras que dificultam a realização dos projetos e participação nos eventos visto que esses implicam gastos com figurino, maquiagem, transporte e as vezes inscrição para participação. Além disso, o próprio processo de ensaio é difícil visto que muitos não possuem locais fixos e próprios para a realização da prática do cover de dança.

Creio que para maioria/senão para todos os K-covers, seja bastante difícil a questão do dinheiro. Na maioria dos eventos precisamos gastar com figurinos, maquiagens, etc. Essa é uma das maiores dificuldades, já que hoje em dia, as coisas estão absurdamente caras (RESPOSTA 27).

Em momentos há dificuldades para realizar nossos planos imaginados, por conta da questão financeira envolvida. Tentamos ao máximo colocar uma boa performance e ao mesmo tempo se manter dentro do valor estipulado para figurinos, transporte, mas é comum acabar se tornando um ponto de frustração para o grupo, pelas limitações (RESPOSTA 31).

Finalmente, o aspecto negativo mais gritante visto no último ano e evidenciado nos resultados do questionário são os eventos. Como visto anteriormente, os eventos são escassos e, de acordo com boa parte das respostas, não atingem as expectativas dos solistas e grupos que participam desses. O descaso das organizações e a falta de tato com aqueles que frequentam os eventos são colocados como as principais críticas aos eventos encontradas nas respostas do questionário.

Ainda se depende muito de teatros e eventos organizados por empresas, fator que vem sendo modificado recentemente pelo pessoal. Além disso, a interação direta entre pessoas ainda não é algo tão marcante quanto deveria (RESPOSTA 15).

O descaso de muitos organizadores, com as pessoas que vão se apresentar, causando problemas facilmente resolvidos durante as performances atrapalhando e desmotivando muitos antes, durante e depois das performances (RESPOSTA 45).

Por conseguinte, é possível visualizar que a cena de k-cover da Região Metropolitana de Aracaju é sólida e diversa. Ela abarca uma variedade de pessoas de diferentes origens, identidades e interesses em relação ao próprio espaço. Ainda, ela demonstrou ser um espaço que abraça identidades marginalizadas independentemente de qual ela seja. Além disso, ela gera a nível pessoal benefícios que vão desde a socialização até melhorias na saúde física e mental. Nela, existem uma potencialidade de produção cultural que pode ser ainda mais explorada. Para isso, faz-se necessário que as dificuldades encontradas sejam superadas a fim de gerar um espaço de fomentação cultural positivo e rico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste trabalho, buscou-se aprofundar os estudos sobre o impacto da Onda Coreana na formação de cenas culturais no Brasil. No decorrer da análise, podemos visualizar a evolução de um movimento midiático e cultural que surgiu nos anos 90 numa tentativa ambiciosa de expansão do capital cultural sul-coreano. Cerca de 30 anos se passaram desde então e os resultados são maiores do que teria se imaginado inicialmente. Atualmente, a Onda Coreana chegou a penetrar o Nordeste brasileiro, onde o território sergipano e a cultura sul-coreana se misturam criando um fenômeno cultural específico da localidade.

Para atingir os objetivos deste trabalho, foi necessário enfatizar a importância das cenas musicais em áreas urbanas como a da Região Metropolitana de Aracaju. O conceito de Straw foi fundamental no âmbito desta pesquisa visto que põe em evidência a relação pessoas, cultura e território. Além disso, a partir do mapeamento da cena k-cover da Grande Aracaju, foi possível visualizar as características específicas do movimento cultural na região, além de evidenciar a conexão entre um movimento midiático-cultural da Coreia do Sul com um grupo social existente numa área de Sergipe, no Brasil.

Ao explorar a relação dos k-covers com o fenômeno do K-Pop puderam ser feitas algumas observações. Assim, como em outros momentos de penetração do k-cover no Brasil, os K-Pop chega em Sergipe dentro dos espaços de eventos de cultura japonesa e, numa forma similar a outras regiões, também acaba se desvinculando e ocupando seus próprios espaços e diferentes níveis. Parte dessa desvinculação está relacionada à forma como as pessoas entram em contato com o K-Pop. Cada vez mais a internet e as redes sociais se tornam um vínculo de descoberta do fenômeno, fazendo com que movimentos relacionados ao mesmo surjam de forma independente. O mapeamento também revelou que a cena k-cover da Grande Aracaju é variada e, apesar da especificidade de seu local de origem, acaba por ser um espaço seguro para populações com identidades marginalizadas.

Nesse sentido, a Onda Coreana demonstrou a sua força enquanto fenômeno cultural. Suas características, que misturam arte no nível mais polido possível juntamente a uma mentalidade de expansão em massa foram e são responsáveis pela grandiosidade que o K-Pop possui atualmente. As performances audiovisuais no

fenômeno não se resumem a apenas um gênero ou estética, mas abarcam uma variedade de conceitos, histórias, cores e sonoridades que permitem que vários diferentes tipos de pessoas possam se identificar, mesmo se essas pessoas estiverem do outro lado do mundo.

Outrossim, o potencial cultural é algo relevante a ser aqui evidenciado. Apesar de existirem um número considerável de integrantes à cena da Grande Aracaju, as ações culturais relacionadas à tal são escassas. A quantidade de eventos que ocorrem são poucas durante os anos e os espaços são pouco explorados no que diz respeito a seus reais potenciais. Nesse sentido, a cena se beneficiaria de políticas públicas de estímulo a produção cultural para que se haja plena realização de ações culturais na região. Tanto a cena quanto o estado de Sergipe podem ser beneficiados com a exploração dos espaços para fomentação cultural.

Por fim, esse estudo pretende ser apenas um início no aprofundamento do estudo de cenas musicais relacionadas a Onda Coreana no Brasil e no Nordeste. Existem lacunas em relação a como é a cena k-cover na Grande Aracaju num âmbito mais histórico. Será necessário no futuro uma maior imersão nas ações culturais que envolvem a cena, além do aprofundamento da discussão sobre cultura e território. No entanto, pôde-se visualizar a riqueza e a importância cultural que essa cena e diversas outras trazem para a região.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mayara. **A instrumentalização da marca nacional da Coreia do Sul: desdobramentos políticos da Onda Coreana**. João Pessoa: Temática, 2020.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Gender identity. In: **Encyclopedia Britannica**. 23 jul. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/gender-identity>. Acesso em: 19 out. 2022.

CHEN, Lu. The emergence of the anti-Hallyu movement in China. **Media, Culture & Society**, Hong Kong, v. 39, ed. 3, p. 374-390, 2017.

CHOI, JungBong; MALIANGKAY, Ronald. Introduction: Why fandom matters to the international rise of K-pop. In: CHOI, JungBong; MALIANGKAY, Ronald. **K-pop - The International Rise of the Korean Music Industry**. Londres: Routledge, 2015. cap. 1, p. 1-17.

CHUA, Beng Huat. **Structure, Audience and Soft Power in East Asian Pop Culture**. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2012.

COLLINS ENGLISH DICTIONARY. **K-pop**. [S. l.], 2012. Disponível em: <https://www.dictionary.com/browse/k-pop>. Acesso em: 10 maio 2022.

ELFVING-HWANG, Joanna. K-pop idols, artificial beauty and affective fan relationships in South Korea. In: ELLIOTT, Anthony (ed.). **Routledge Handbook of Celebrity Studies**. [S. l.]: Routledge, 2018. cap. 12, p. 190-201.

ELDRIDGE, Alison. Sexual orientation. In: **Encyclopedia Britannica**. [S. l.], 6 out. 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/sexual-orientation>. Acesso em: 19 out. 2022.

FREITAS, Gabriela *et al.* Cultura da celebridade, fã-clubes e redes sociais: mediações que movimentam a indústria pop sul-coreana. **Revista Dito Feito**, Curitiba, v. 10, ed. 16, p. 52-68, jan/jun 2019.

JANOTTI JUNIOR, J. S. Entrevista – Will Straw e a importância da ideia de cenas musicais nos estudos de música e comunicação. **E-Compós**, [S. l.], v. 15, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/812>. Acesso em: 14 nov. 2022.

LEE, Keehyeung. Mapping Out the Cultural Politics of “the Korean Wave” in Contemporary South Korea. In: CHUA, Beng Huat; KOICHI, Iwabuchi. **East Asian Pop Culture: Analyzing the Korean Wave**. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2008.

K-POP: conheça o estilo musical coreano que virou febre no Brasil. Sergipe: Globo, 2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7664206/>. Acesso em: 19 out. 2022.

KIM, Bok-rae. Past, Present and Future of Hallyu (Korean Wave). **American International Journal of Contemporary Research**, [s. l.], v. 5, ed. 5, 2015.

KIM, Jin-Young; LEE, Jong Oh. Korean Pop Culture: A Decade of Ups and Downs. **International Journal of Multimedia and Ubiquitous Engineering**, Seoul, v. 9, n. 3, p. 129-134, 2014.

LIE, John. What Is the K in K-pop? South Korean Popular Music, the Culture Industry, and National Identity. **Korea Observer**, Pensilvânia, v. 43, ed. 3, p. 339-363, 2012.

LIU, Hong. The Sino-South Korean Normalization: A Triangular Explanation. **Asian Survey**, California, v. 33, ed. 11, p. 1083–1094, 1993.

NYE, Joseph. **Soft Power**: the means to success in world politics. New York: Public Affairs, 2004.

PRODANOV, C. C., FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROGA, Louise. K-pop cresce 47% no Brasil, segundo dados inéditos do Spotify; confira rankings. **Extra**, [S. l.], 22 set. 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/musica/k-pop-cresce-47-no-brasil-segundo-dados-ineditos-do-spotify-confira-rankings-24655053.html>. Acesso em: 21 maio 2022.

QUEIROZ, Breno. Hallyu, a febre sul-coreana que movimenta bilhões do K-pop a 'Parasita'. **Invest News**, [S. l.], 1 jan. 2021. Disponível em: <https://investnews.com.br/economia/hallyu-a-febre-sul-coreana-que-movimenta-bilhoes-do-k-pop-a-parasita/>. Acesso em: 21 maio 2022.

SEO Taiji is the OG Legend of Korean Music. Produção: 88rising. [S. l.]: Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xUbM1sbdHqo>. Acesso em: 11 maio 2022.

SETYANI, Yunita; MUKTIONO, Dadung Ibnu. The Meaning of Imitation amongst K-Pop Cover Dancers in Surabaya. **Allusion**, Surabaya, v. 6, ed. 1, p. 126-134, 2017.

SOARES, Thiago; SILVA, Lúcio. Coreografias de gênero em covers de K-pop. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, p. 1-17, 10 dez. 2020. Disponível em: <https://docplayer.com.br/208437739-Coreografias-de-genero-em-covers-de-k-pop-1-thiago-soares-2-lucio-silva-3-universidade-federal-de-pernambuco-ufpe-recife-pe.html>. Acesso em: 13 out. 2022.

SOUSA, Helena Sofia Martins de; FONSECA, Paula. As Tribos Urbanas as de Ontem até às de Hoje. **Nascer e crescer**: Revista do Hospital de Crianças Maria Pia, Porto, v. XVIII, ed. 3, p. 209-214, 2009.

SOUZA, Rose Mara Vidal de; DOMINGOS, Amauri. K-Pop: A propagação mundial da cultura sul-coreana. **Intercom**: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Curitiba, p. 1-14, 2016. Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

STRAW, Will. Cultural Scenes. **Society and Leisure**, Quebec, v. 27, ed. 2, p. 411-422, 2004.

URBANO, K. Beyond Western Pop Lenses: O Circuito das Japonesidades e Coreanidades Pop e seus Eventos Culturais/Musicais em SP e RJ. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 51, 19 abr. 2021.

_____. ALBUQUERQUE, Afonso de. Cultura Pop e Política na Nova Ordem Global: Lições do Extremo-Oriente. In: **Cultura Pop**. SÁ, Simone, CARREIRO, Rodrigo, FERRAZ, Rogério. (Org.). Salvador: EDUFBA, 2015.

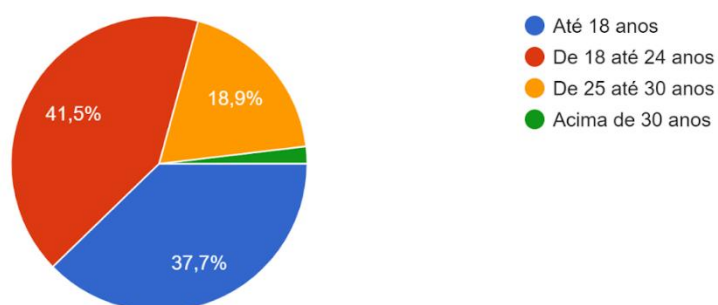
_____.; KAUTSCHER, Gabriela. A emergência da cena k-cover no Brasil. I **Colóquio Mídia, Cotidiano e Práticas Lúdicas**, Rio de Janeiro, p. 99-122, 2017.

VELASCO, Tiago. Pop: em busca de um conceito. **Animus**: revista interamericana de comunicação midiática, Santa Maria, v. 17, p. 115-133, jan-junho 2010.

APÊNDICE – Resumo das respostas do questionário de mapeamento da cena k-cover na Grande Aracaju

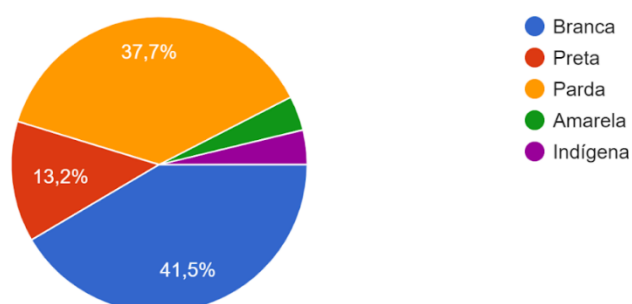
Faixa etária:

53 respostas



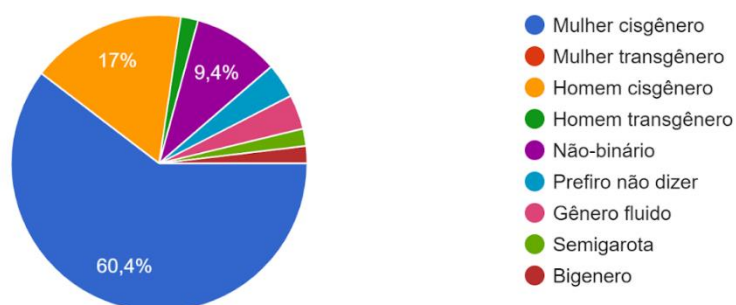
Cor ou raça (de acordo com a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE):

53 respostas



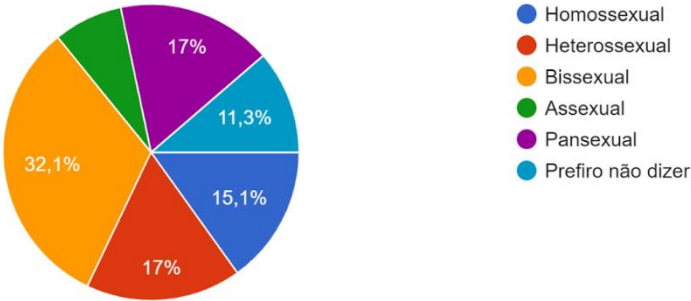
Identidade de gênero:

53 respostas



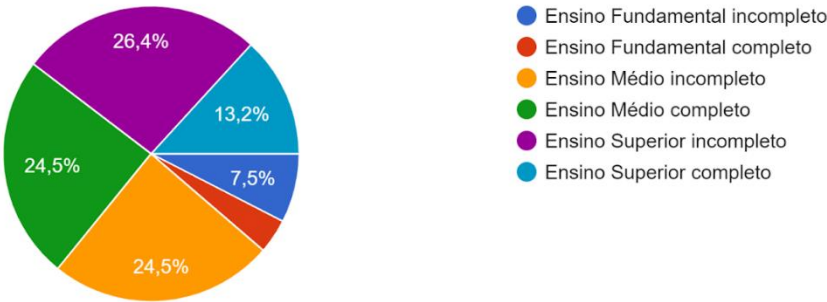
Orientação sexual:

53 respostas



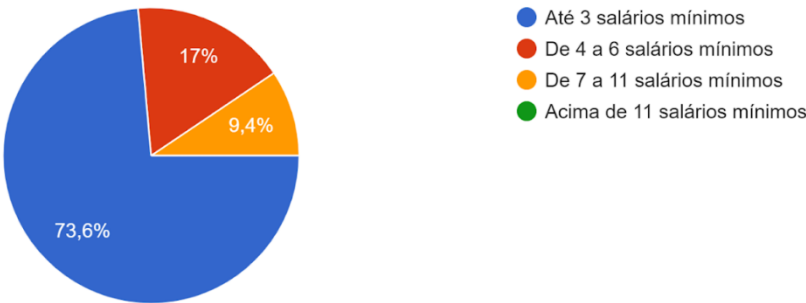
Grau de escolaridade:

53 respostas



Renda familiar mensal per capita (Entende-se como grupo familiar a unidade nuclear composta por uma ou mais pessoas, eventualmente ampliada...iliar, todas moradoras em um mesmo domicílio):

53 respostas



Como você descobriu o K-Pop?

53 respostas



Pode detalhar um pouco mais como foi o seu primeiro contato? (Opcional)

1. Foi aos 8 anos de idade, não lembro bem o grupo mas era um feminino, não sei se era o sugar, minha tia gostava também
2. Em 2002 uns amigos me chamaram para dançar em um grupo e quando eu cheguei lá era kpop.
3. Vi um vídeo no YouTube de umas meninas dançando Boombayah na escola aí eu fui pesquisar e me interessei
4. Apareceu um vídeo clipe de um grupo de kpop(BTS) na sugestões de vídeo do YouTube
5. Vendo um vídeo de umas meninas dançando Boombayah na escola
6. Eu vi uma paródia/redublagem de um canal no youtube do grupo " 2NE1 ", o nome da música era " im the best " e " it hurts " baixei essas 2 músicas e escutei achando que era japonês até descobrir que o que eu ouvia era na verdade kpop.
7. Foi por comentários no Twitter
8. Um amigo meu me apresentou 3 MVs no intervalo na escola, esses Mvs eram I got a boy do sns, l am the best 2ne1 e mr taxi a versão japonesa também do sns
9. Baixei uma música errada, conheci o grupo masculino exo e passei a pesquisar mais sobre outros grupos.
10. Pela primeira vez foi com a minha irmã escutando sns em 2012, mas eu não prestei muita atenção, depois em 2016 vi realmente oq era kpop pela onde de react que tava rolando.

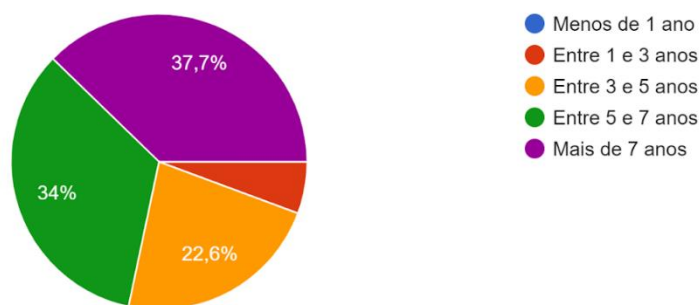
11. Estava mexendo no celular de uma amiga quando encontrei o MV lucifer do SHINee, me apaixonei de cara e comecei a pesquisar sobre o grupo e o Kpop em geral.
12. Através de uma sugestão aleatoria do YouTube
13. Acabei assistindo just right do got7 e gostei, porém só fui mesmo gostar de kpop quando uma amiga minha me mostrou o BTS
14. meu primeiro contato com o k-pop foi com a música cat and dog do txt então isso reforçou na minha cabeça a ideia de que o k-pop era resumido em coisas coloridas, bonitinhas e fofas.
15. Fui em um evento geek em 2014, e haviam grupos cover se apresentando.
16. Foi em no ano de 2012. Logo, não era tão popular no meio então foi algo muito novo, diferente e contagiante.
17. Anúncio de uma música do got7 no YouTube.
18. em 2017 vi o grupo Kard no Raul Gil na época que estavam em turnê no Brasil
19. Tinha conhecidos que ouviam, mas nunca me interessei, só depois de anos comecei a acompanhar grupos femininos por conta do Twitter
20. Minha Youtuber favorita reagiu e achei interessante
21. Primeira banda que ouvi foi Bigbang e desde então fiquei apaixonada pelo kpop
22. Eu fui procurar oq era no youtube, por meio de grupos. Dois ex: bigbang e f(x)
23. Eu sempre gostei de conhecer músicas novas e estilos diferentes, e conheci o Kpop através do padrinho da minha irmã, que me apresentou vários grupos e músicas incríveis, onde fui me apaixonando cada vez mais e me interessando em conhecer sobre a cultura e a dança.
24. Conheci KPOP por meio de Amigos Otakus
25. Eu assistia kdramas quando criança e um deles foi dream high, o que me fez virar fã da suzy, da iu e do 2pm. aí depois de um tempo começaram a aparecer mais coisas de kpop nas minhas redes sociais
26. Um vídeo de react do Felipe Neto quando eu tinha unas 12 anos, depois daquele gideo começou a aparecer vários mv's e eu fiquei viciado em red velvet. Depois conheci mais e mais grupos e foi assim até hj
27. Meu irmão me mostrou o clipe 'Electric Shock' do grupo F(x) quando eu tinha 12 anos, desde então estive acompanhando o k-pop e não levou muito tempo para que eu me interessasse nos covers de dança.

28. Um amigo meu me mostrou algumas musicas que ele gostava e no meio tinha umas musicas de Kpop.
29. Em uma festa de São João me amostraram um Mv de um grupo de Kpop e me enganaram dizendo que eles viriam passar o São João conosco.
30. quando eu tinha em torno de 6 anos, estava mexendo numa boa no YouTube, e recebi a recomendação de gee, do girls generation. desde então não parei de acompanhar, e conheci outros grupos no processo.
31. Conheci por meio daqueles vídeos de react, a primeira música que tive contato foi Dope, do BTS. Eu achei estranho o idiomas pois achava que seria em inglês, mas acabei gostando e fui em busca de mais conteúdo, tanto do BTS quanto de outros grupos.
32. Foi na escola, estava observando minha amiga ver um clipe no celular e pedir para ela me mostrar também, era o clipe de overdose do EXO.
33. Conheci com GANGNAM STYLE do PSY.
34. Uma amiga minha era muito fã de Super Junior e me introduziu à cultura K-pop em 2009.
35. Primeiro vi uma música do bp ai gostei muito mas não sabia que era kpop, mesmo assim não admitia gostar de kpop, eu tinha preconceito com o bts kakakakakak, mas dps através da minha irmã no início da quarentena me apaixonei pelo bts, inclusive eu odiava o jimin antes mas ele virou meu utt, hoje em dia amo muito eles, eles foram especial para mim, então precisei conhecer mais do kpop, e hoje tou aqui
36. Através da música Gangnam Style do Psy, mas depois dessa onda da música eu esqueci sobre, logo depois eu conheci o Kard, mas vim me interessar mesmo em 2016 quando conheci o BTS pela música Blood Sweat and Tears e logo no mesmo ano lançou meu grupo ultimate o Blackpink
37. Sim foi assim eu fui joga just dence e eu jogue a musica dududu e gostei e fui procurar e ate hoje eu escuto blakpnik e sou blink
38. Em 2014, com Ganggang Style do PSY, mas sem saber que aquilo era kpop e logo de cara já tinha amado a música o MV tudo. Depois de uns anos em 2017 ou 2018, soube de verdade o que era kpop (o universo, grupos, gírias, a comunidade, enfim tudo) com músicas como Dope, Fire e I need u do BTS; I got a boy - Girls Generation; Cheer up - Twice; entre outros. E desde aquele ano não parei de acompanhar o universo.

39. Através de uma busca de informações com um amigo devido ao league of legends
40. Minha prima me mostrou um clipe do 2ne1
41. alguns amigos mostraram
42. Uma amiga da universidade era obcecada pelo kpop e por Girls generation, ela estava decidida a converter todo o nosso grupo de amigas (2 além de nós). Eu até relutei por algum tempo por que as músicas que ela me mostrava não me chamavam a atenção, mas eventualmente aconteceu kkkk e estamos daqui desde 2014.
43. Eu já ouvia jpop/assistia animes, até que um determinado dia ouvindo jpop (na verdade era um grupo coreano que havia lançado uma música em japonês), apareceu como indicação no youtube esse mesmo grupo com outra música, aí curiosa eu fui assistir, como achei semelhante e interessante, acabei ouvindo mais e mais, me aprofundei no mundo kpop e foi isso
44. Em 2011, num evento de anime chamado Samurai Fest, vi o pessoal do KMFA performar lá e quando cheguei em casa fui atrás das músicas e assim conheci o kpop.

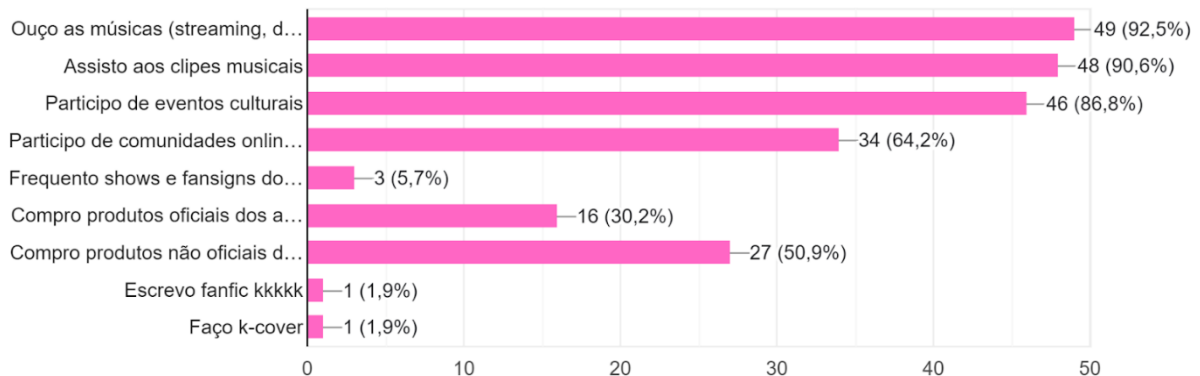
Há quanto tempo mais ou menos você consome K-Pop?

53 respostas



Como você consome K-Pop?

53 respostas



Para você, qual é o apelo do K-Pop? O que te atraiu nesse fenômeno?

1. A dança
2. A dança.
3. Eu sempre gostei de dançar desde criança, hoje estudo dança e as coreografias e o conjunto das obras do kpop me fascinam muito!
4. Letras, batidas diferentes
5. As batidas, o estilo e as integrante
6. Gosto do estilo musical, cultura
7. A batida da música e a dança
8. O conceito e a diversidade que o kpop abrange desde as coreografias aos mvs.
9. Coreografia, musicalidade, versatilidade da indústria e estética
10. Diversidade tanto no som quanto na composição da performance em si, sempre fui atraído a performance então ver um grupo com talentos distintos interpretando a mesma música é muito atrativo pra mim.
11. Acho que o kpop em geral sabe, quando comecei a ouvir eu me sentia acolhido e por isso fiquei no kpop, criar um apego pelo idol e grupo, rir, dançar e chorar com eles. Acho que o Kpop em si me atraiu. O kpop é aquele lugar em que vc pode ser você mesmo, por mais que tenha os fãs que são chatos, isso tem em todo lugar.
12. As coreografias
13. Só de ser uma cultura totalmente diferente, já trás uma grande curiosidade.
14. A identidade, por mais que seja um pop, o Kpop tem sua própria marca e cada grupo consegue se diferenciar dessa forma.

15. A determinação em tudo que é produzido para entrega de conteúdo com qualidade
16. Ser um estilo musical um tanto familiar em relação ao que estamos acostumados a ouvir dos Estados Unidos, entre outros, mas ao mesmo tempo ser um mundo completamente novo, com uma cultura e costumes extremamente diferente dos nossos costumes ocidentais e latinos, em que mesmo que você não curta tanto o estilo de música de um artista, você ainda tem a opção de consumir e gostar de seu conteúdo, e vice versa.
17. As músicas, o estilo, as coreografias, e os cabelos diferentes
18. as coreografias encantadoras e vocais de grupos específicos como por exemplo o dreamcatcher.
19. As estéticas, conceitos, o carisma dos integrantes dos grupos, teorias, músicas, figurinos....
20. As danças.
21. As coreografias
22. Os conceitos, coreografias
23. As danças. O conceito diferente do meu antigo cotidiano me chamou atenção, as coreografias me encantaram mais ainda.
24. toda a estética e o conceito dos mvs mudarem ao decorrer das eras
25. Coreografia
26. A performance em si, as cores e conceitos, fotografias dos mvs.
27. O que me atraiu foram as letras de algumas músicas. Teve momentos em que eu precisava de apoio e conforto, onde encontrei nelas.
28. A cultura de forma geral, profissionalismo e dedicação ao extremo! Trainee da SM?
29. eu sempre gostei de grupos onde os artistas cantam ao vivo e tem uma presença de palco muito desenvolvida, como o 2ne1 e o bigbang. acho que os grupos que mais me atraem são os que experimentam coisas diferentes mas mesmo assim conseguem manter uma imagem própria e única
30. As coreografias
31. O entretenimento dos idols, conhecer eles através das lives e programas era divertido e interessante, e trazia um sentimento de proximidade ao acompanhar a trajetória do grupo, as coreografias também foram o que mais me prendeu a

- atenção, ver grupos que não só cantavam no ao-vivo, mas com coreografia completa e muita estética.
32. A estética em geral, os tipos de gênero musical que são explorados, e o fato de usar muito da dança.
 33. As coreografias que me fazem querer dançar mais e mais.
 34. Fanservice. É a clara cópia ao Jpop. Kpop surgiu numa época que o Japão produzia mais idols para dentro do país, então ter acesso aos conteúdos era mais difícil. Isso acabou levando um leve "declínio" para jpop. A Coreia copiou isso em tempo hábil, e sempre procurou exportar a indústria para fora (mesmo que antigamente fosse de forma controlada)
 35. A musicalidade e as coreografias.
 36. O estético e visual
 37. Os MVs chamativos e totalmente diferentes dos clips ocidentais.
 38. Coreografias e diversidade musical
 39. O forte apelo visual e as idiossincrasias musicais do gênero.
 40. As melodias viciantes
 41. Cantar e dançar ao mesmo tempo me fascina, por ver a capacidade dos idols de executar isso. Mas o apelo real pra mim é ver que podemos sim realizar nossos sonhos, e esse é um dos meus.
 42. Que me atraio foi o ritmo
 43. As músicas me atraem até hoje, os MVs com detalhes, as coreografias viciantes.
 44. Ele me atraio por ter sido ao contrário Do pop ocidental que tava fazendo muito sucesso na época, pois tava saindo de uma era dançante pra um hip/hop bem forte, e o kpop me atraio no quesito de ser totalmente diferente da proposta que era apresentada na época, algo que eu sentia falta no pop ocidental.
 45. Dança
 46. O estilo de música
 47. A qualidade das músicas, a cultura do país, entre outros.
 48. Seu jeito diferente de produzir música, afinal eu nunca fui muito fã do pop americano. Mas as superproduções do Kpop realmente me chamaram a atenção
 49. As formações dos grupos, a forma como eles precisam treinar antes de debutarem, a diferença entre artistas dos EUA em comparação aos coreanos,

já que os coreanos sempre tem MVs super bem feitos, coreografias bem elaboradas, o "contato" dos idols para com os fãs, já que existem grupos que lançam álbum 2 ou mais vezes ao ano, fazem programas de variedades, fazem live, vão aos music shows.

50. a diversidade em clipes, sons, danças, etc.

51. Gosto muito da diversidade, coreografias muito bem elaboradas, cores e ritmos que me lembram o pop americano dos anos 2000-2010

Como você descobriu que havia uma cena k-cover na Grande Aracaju?

53 respostas



Pode detalhar um pouco mais como foi o seu primeiro contato? (Opcional)

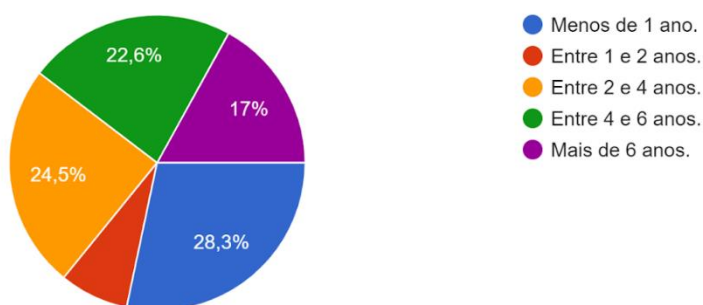
1. Uma das meninas do grupo que participo soube de um evento no teatro de k-cover.
2. Foi em eventos de Animes e depois no KMFA
3. Eu entrei na minha dm e tinha um link pra entrar no grupo, até então eu achava q só tinha o Black moon
4. Literalmente me mandaram um link pra entrar no grupo e eu entrei (até então só conhecia o Black moon e achava q era o único aqui de SE)
5. Vi uma garota postar vídeo de um evento de kpop em Aracaju e fui questionar sobre, e acabei descobrindo que existia eventos de kpop por aqui.
6. Fiquei sabendo por um amigo de uma amiga que me levou em um evento
7. O mesmo amigo que me apresentou o kpop me falou sobre a existência do kmfa, que na época se apresentava em eventos de animes e etc
8. Entrei em um grupo de fanbase de Sergipe pelo whatsapp, e aí fiquei sabendo q tinha encontros na sementeira.
9. Através de eventos realizados no parque da sementeira
10. Vi q haveria um evento no jfc e fui pra saber como seria

11. foi diferente e estranho já que estava extremamente nervosa para a minha primeira apresentação mas ainda assim foi uma experiência ótima!
12. Foi ainda em 2014, porém, foi em 2018 quando fui em outro evento cover, que eu tive interesse em fazer parte do cenário cover. Então, fundei um grupo com uma amiga.
13. Foi no evento especial de Natal na sementeira no ano de 2018
14. Anúncio no YouTube.
15. Me inscrevi na competição apenas por diversão e para conhecer pessoas novas
16. De primeira, achei estranho a música em uma língua totalmente desconhecida, porém, aquilo não era desconfortável e, pelo contrário, parecia trazer endorfina hehe
17. Meu primeiro contato foi no primeiro evento da getloud, se não me engano, onde eu performei.
18. Quando eu soube a primeira vez que aqui em Aracaju tinha eventos de kpop, foi em 2019, mas nunca consegui participar. Agora em 2022 eu não só participo de um grupo, como participo dos eventos!
19. Frequentando Eventos Otaku, acabei conhecendo um pessoal que curti KPOP e tinha um projeto de implementar e divulgar essa cultura... Nos reunimos, fizemos algumas ligações e contatos, ensaiamos e lá estávamos nós... Apresentando nos Eventos Otaku e todo mundo achando que era J-Music kkkk
20. Evento de kpop no teatro ateneu em 2018, inicialmente eu tinha ido apenas pra comprar coisas, e quando eu tinha terminado de pegar tudo que eu queria, anunciaram no microfone que as apresentações covers ia começar, implorei pra ficar e assistir, eu fiquei até o fim do evento e foi muito incrível
21. Encontrei os grupos de cover através das mídias sociais, até então achava interessante porém nunca tinha me apresentado (apesar de já ter gravado covers para o YouTube, desde 2015). Quando minha amiga que fazia parte do meu antigo grupo se mudou para morar comigo, decidimos participar dos eventos e fazer apresentações. Nossa primeira apresentação foi um sucesso, e nos divertimos muito, o que nos incentivou a continuar.
22. Alguns amigos me contaram sobre um evento de Kpop e queriam formar um grupo de kcover.
23. Foi assustador no início mas no decorrer do evento foi maravilhoso!!

24. uma amiga de faculdade de outra amiga mencionou sobre os eventos de kpop que aconteciam na região, e assim nos enturmamos na comunidade.
25. Descobri por um amigo meu que frequentava os eventos e, ao descobrir que eu havia iniciado minha "vida no kpop", me convidou para assistir. O primeiro evento foi em 2018, se não me engano foi um dos AKF.
26. Uma amiga cover me contou sobre o evento em que ela se apresentaria.
27. A comunidade surgiu inicialmente como um grupo de amigos que se encontravam nos piqueniques da comunidade otaku da cidade.
28. Foi chocante amei muito o bp sem saber o que era kpop
29. Eu descobri através de uma menina que estudou comigo no ensino fundamental, ela publicou algo sobre um grupo cover, e agora eu faço parte desse grupo
30. Depois de um tempo sendo fã, eu comecei a pesquisar por eventos de kpop até achar os de Aracaju, por meio de redes sociais.
31. Grupo de amigos próximos que se apresentaram em eventos de cosplay
32. Foi em um evento geek
33. Algum tempo após ter conhecido o kpop, fui convidada a participar de uma unit de um grupo cover de Alagoas, aqui em Aracaju. Passaram-se meses em que acreditamos que precisaríamos ir para Alagoas nos apresentar (mais de um ano). Um bom tempo depois, e já com o meu grupo atual, conhecemos outro grupo cover (um dos integrantes estudava comigo na faculdade) e foi por integrantes deste outro grupo cover que conhecemos uma das empresas que faz evento aqui, e seu produto.

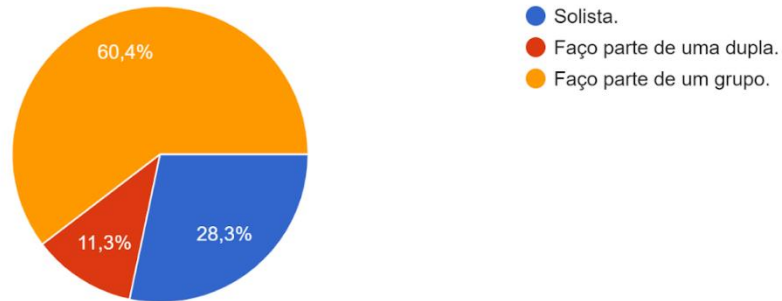
Há quanto tempo você participa da cena k-cover na Grande Aracaju?

53 respostas



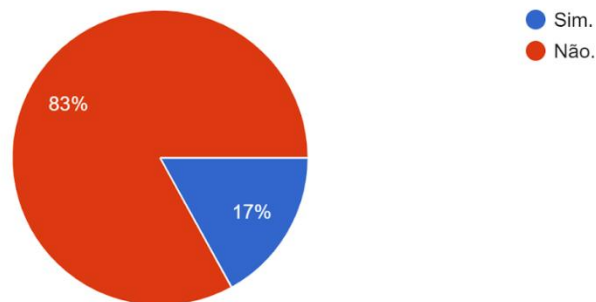
Você é solista, faz parte de uma dupla ou faz parte de um grupo (3 ou mais integrantes)?

53 respostas



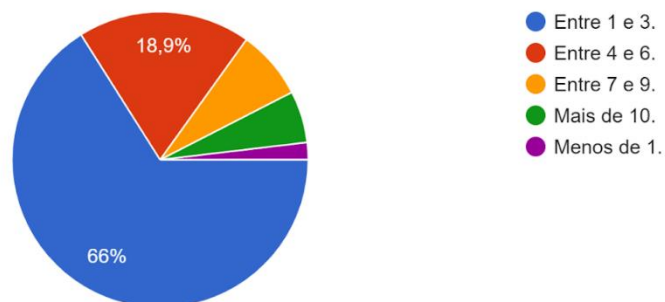
Você faz parte de mais de um projeto k-cover (ex.: participa de dois grupos distintos)?

53 respostas



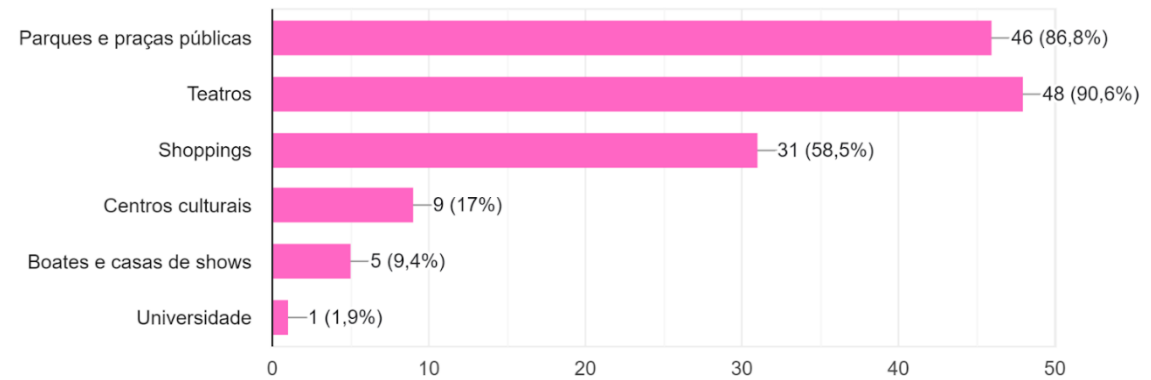
Quantos eventos da cena, por ano, você costuma participar?

53 respostas



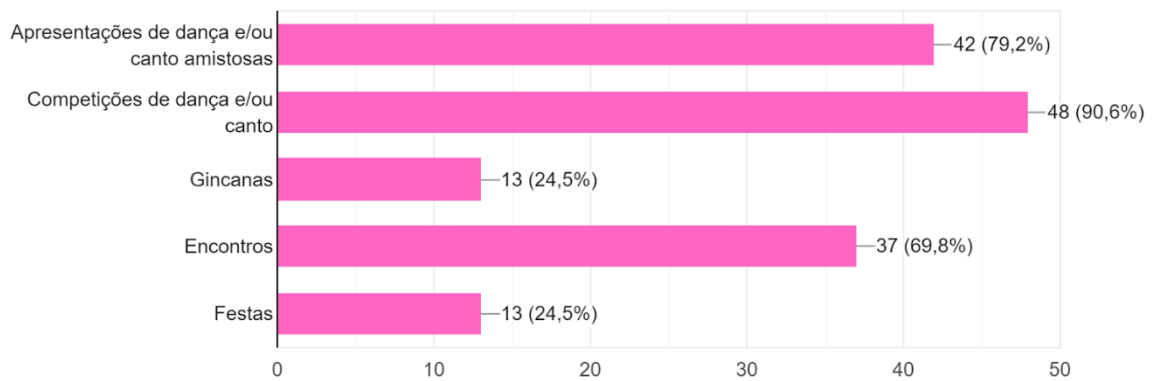
Quais espaços você frequenta dentro da cena?

53 respostas



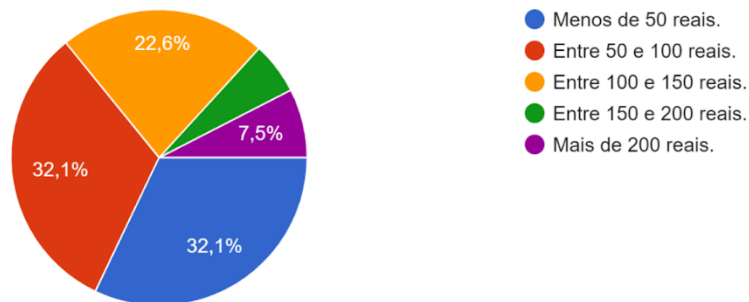
Qual a natureza dos eventos organizados para a cena que você participa ou participou?

53 respostas



Quanto você gasta mensalmente com a cena (incluindo transporte, alimentação, contribuições internas, eventos, etc.)?

53 respostas



Qual o impacto da cena k-cover na sua vida?

1. Como já disse, eu estudo dança e faço parte de um grupo k-cover, temos o objetivo de crescer o grupo transformando-o futuramente em um studio...
2. Através do k-cover eu aprendi a quebrar os meus limites.
3. Dançar com mais frequência, conhecer pessoas novas e dores, muitas dores
4. Tudo
5. Deu início a minha maior paixão que é a dança
6. Muito legal porém exige mtt tempo (principalmente sábados porém eu não posso participar dia de sábado, petição para os eventos serem aos domingos)
7. O kpop me levou até a arte da dança onde eu descobri uma arma contra meus medos e inseguranças.
8. Totalmente, muito do meu tempo é dedicado ao k-cover e meu círculo social é ligado a comunidade.
9. É um impacto grande e positivo pq se tornou um dos meus escapes da minha realidade.
10. Incrível, quando fui em um evento pela primeira vez ainda como espectador, me senti maravilhado, gritei, dancei e brinquei, pode-se dizer q me senti em um show na verdade.
11. Basicamente se tornou algo essencial pra minha vida e acho muito difícil de me desvincular
12. Eu gosto muito de dançar e o kpop promoveu bastante isso pra mim.
13. As amizades que fiz no meio k-cover que vou levar pro resto da vida
14. Acho importante para disseminação e potencialização da cultura em nosso estado
15. Tenho muito mais contato com outros artistas de kpop e tenho a possibilidade de encontrar pessoas com gostos semelhantes aos meus.
16. Não tenho muita certeza ,mas por enquanto está sendo incrível
17. saber que eu faço parte de tudo isso já que quando entrei no mundo do k-pop não imaginaria que faria parte da comunidade dos k-covers também. (já que até alguns meses não sabia que essa comunidade existia em Aracaju).
18. Tenho transtornos, mas estar num grupo cover com meus amigos me ajuda a focar em algo e pensar que vai dar tudo certo; me ajuda a ter determinação, esperança e persistência. É muito bom ver que estou fazendo algo legal e que o resultado está chegando gradativamente.
19. Mais uma forma de me expressar na dança

20. Ajuda a me expressar.
21. _
22. Positivo no sentido de novas experiências e amizades
23. É como um escape de problemas e estresse
24. me tornei menos tímida e mais ativa
25. Me ajuda a superar a depressão
26. Me ajudou muito na minha timidez e receio de "palco". Além de eu conhecer pessoas por conta dele.
27. É algo que eu amo fazer, e não me vejo mais fora disso. Faz parte de mim!
28. Conheci amigos pra TODA A VIDA, que levo até hoje... Nos reunimos pra reclamar que os tempos de antigamente eram melhores, falar do BTS em segredo e enaltecer o SISTAR, SNSD, Super Jr. e o EXO <3
29. eu não tinha coragem de postar meu conteúdo de dança antes de criar a minha conta de covers no instagram, e essa conta me incentivou muito a treinar mais durante a quarentena e me motivou a criar mais além de apenas reproduzir as coreografias
30. Me inspira como dançarina
31. Performar me traz bastante alegria, poder apresentar minhas músicas favoritas e ter o apoio das pessoas, apoiar os outros grupos e ver suas apresentações, é uma forma de me conectar além de me expressar. Ela tomou boa parte do meu tempo e esforço.
32. Acho que se trata de uma forma de expressão e de diversão. E da oportunidade de chegar a lugares e momentos em que eu nunca imaginaria.
33. Por um lado é muito incrível e experiências únicas, e por outros é cansativo
34. Embora dentro de Aracaju o tempo seja pequeno, conheço e faço parte de grupos de cover há alguns anos e tem me ajudado relativamente de forma positiva em relação a questões de imagem e socialização
35. Me incentivou a interagir socialmente e continuar dançando.
36. Muito positiva, tive oportunidades de conhecer e conviver com pessoas incríveis
37. Me tirou da monotonia, do sedentarismo e aumentou meu contato social.
38. Um espaço mais público para mostrar o que faço, tendo o reconhecimento de bônus na minha vida

39. É o meu hobbie offline que eu tenho mantido por mais tempo e mais assiduamente. Me ajudou a reacender minha paixão pela dança e criar um compromisso com minha saúde e forma física.
40. Inexplicável, posso até chorar de emoção
41. Poder ver que as pessoas gostam da mesma coisa que eu e me sentir mais acolhida por gostar de algo que ainda não tem boa visibilidade na sociedade
42. Muito tipo muito mesmo
43. Mudou minha vida e me fez ter coragem de mostrar meu talento para outras pessoas e não apenas para mim mesmo.
44. Me estimulou fortemente a estudar dança.
45. Me fez reacender a vontade de dançar e de apresentar, era como se eu tivesse faltando algo e saber que eu poder fazer uma coisa que eu realmente queria, até chegar a primeira apresentação e ter confirmado todo aquele sentimento.
46. Tem um impacto muito positivo por recarregar a bateria social, e dar um alívio da rotina natural da vida.
47. É uma coisa que me tirou da depressão
48. Atualmente diminuiu bastante, mas há uns anos atrás me fez conhecer amigos que tenho até hoje na minha vida.
49. muito
50. Acredito que minha vida mudou bastante desde que comecei a atuar como cover. Desde a minha autoestima e autoimagem que melhoraram drasticamente, até o empenho com a minha saúde, física e mental. Estar na comunidade e fazer o que descobri ser uma de minhas grandes paixões, me tornou uma pessoa bem diferente e eu sou grata por isso. Grata por todas as pessoas incríveis que conheci pelo caminho e todas as lições que esta jornada foi capaz de me proporcionar. Hoje não consigo me imaginar largando tudo isso.
51. Um impacto bem positivo eu diria, já que com os treinamentos para aprender as coreografias, eu tive uma melhoria na minha saúde, além do fato de poder encontrar com pessoas que gostam das mesmas coisas que eu.
52. uma oportunidade de fazer mais amizades com pessoas de gostos parecidos, socializar mais e uma forma de perder mais a timidez
53. Eu amo fazer parte disso.

Quais dificuldades você enfrenta ao frequentar a cena k-cover?

1. Conseguir um lugar adequado para ensaios, finanças para figurino, além das questões de cuidados com participantes da cena e etc..
2. Hj em dia a minha dificuldade é encontrar pessoas de confiança p formar um grupo p ir competir
3. Tempo por conta do escoteiro
4. Única dificuldade é o preconceito (em questão da música e vestimentas)
5. Retorno financeiro pelo esforço e trabalho colocado
6. Tempo por conta da escola e os sábados pq sou escoteira e só posso participar dia de domingo (nunca participei de um evento, meu primeiro é o ACK agr no domingoKKKKKK)
7. Algumas pessoas levam o kcover como um passa tempo, hobbie, o que também não deixa de ser, mas desvalorizam toda história e cultura por trás disso. Como se fosse algo sem sentido ou " para crianças ". Isso me afeta um pouco pois os mesmos n veem meu lado profissional por conta disso.
8. Falta de profissionalismo dos eventos, falta de espaço para treino, julgamento alheio, transporte e etc
9. A falta de valorização daqueles que nos "contraram" como atração
10. A cobrança que é muito grande, buscar um figurino parecido, sincronia, se esforçar tanto e ver que não conseguiu um pódio, além de alguns verem todo seu esforço e tratar como se fosse um nada, pra mim, essas são umas das dificuldades.
11. Rivalidade e falsidade entre as pessoas da comunidade
12. Eventos mal organizados e falta de apoio.
13. ~as panelinhas~ , digo... São todos super unidos. A dificuldade maior é o não reconhecimento, a cena k-cover normalmente não é levada a sério.
14. Nenhuma
15. Ainda se depende muito de teatros e eventos organizados por empresas, fator que vem sendo modificado recentemente pelo pessoal. Além disso, a interação direta entre pessoas ainda não é algo tão marcante quanto deveria.
16. Transporte, e quando é muito longe o evento ou o ensaio do grupo
17. a questão financeira é a maior dificuldade ao meu ver.
18. As brigas que surgem de repente entre os grupos são bem cansativas e chatas. As vezes parece que falta a empatia entre as pessoas do meio, que estão

sempre buscando julgar, criticar e reclamar uns dos outros. Isso causa medo e ansiedade de se apresentar e ser recebido negativamente por essas pessoas e por outras que agem da mesma forma e não tenho conhecimento.

19. Divulgação dos eventos

20. Os gastos

21. _

22. Sou muito nova nesse cenário e os poucos eventos que participei não me apresentaram dificuldades ou pontos negativos, então não tenho um posicionamento sobre

23. Por ser uma cultura de fora, é frequente olhares tortos, julgando meu estilo, minha dança, meu gosto, além de comentários negativos para com isso.

24. a questão de lugar para ensaiar e do transporte

25. Nenhuma

26. Em relação a se apresentar, alguns locais e tempo de ensaio. E tbm por não ter sempre dinheiro pra uber ou figurino.

27. Creio que para maioria/senão para todos os K-covers, seja bastante difícil a questão do dinheiro. Na maioria dos eventos precisamos gastar com figurinos, maquiagens, etc. Essa é uma das maiores dificuldades, já que hoje em dia, as coisas estão absurdamente caras.

28. Me ausentei pq não consigo Presenciar meus amigos e as novinhas da era Teen serem abusadas, escrachadas, pisadas, desmerecidas e ficar calado... O Cenário de K-Cover em Aracaju evoluiu tremendamente, os grupos se profissionalizaram e investem muitos recursos em figurino, gravações, tempo, locomoção e local para ensaios e etc... MERECEM maior reconhecimento por parte daqueles que se propõem a convidá-los para apresentações!!!

29. dificuldade de me entrosar e consequentemente de enxergar apoio das outras pessoas da cena

30. Dificuldade em achar eventos que eu possa me apresentar

31. Em momentos há dificuldades para realizar nossos planos imaginados, por conta da questão financeira envolvida. Tentamos ao máximo colocar uma boa performance e ao mesmo tempo se manter dentro do valor estipulado para figurinos, transporte, mas é comum acabar se tornando um ponto de frustração para o grupo, pelas limitações.

32. A falta de eventos feitos por pessoas que entendam do cenário kcover e que saibam como fazer um evento bem feito.
33. Machucados pelo corpo.
34. Arrogância entre grupos e organizadores de eventos. Falta de tato com as pessoas
35. Os preços das inscrições de eventos de competição e a dificuldade em me enturmar com as pessoas da cena
36. A falta de evento com qualidade
37. Me sinto um pouco estranha no ambiente cheio de covers que já se conhecem e interagem frequentemente. As vezes não me sinto inclusa na cena.
38. Infelizmente, ambientes de competitividade extrema o que leva para o pessoal
39. A precariedade dos eventos, o baixo (ou nulo) retorno financeiro em proporção ao investimento, e a dificuldade de encontrar um espaço adequado para ensaiar com meu grupo.
40. Passagem
41. Julgamentos por não acreditarem no potencial que temos em crescer
42. Preconceito
43. Correria com tempo, pouco horário para reunir o grupo e ensaiar, dinheiro, local para gravar, etc
44. Panelinhas.
45. O descaso de muitos organizadores, com as pessoas que vão se apresentar, causando problemas facilmente resolvidos durante as performances atrapalhando e desmotivando muitos antes, durante e depois das performances
46. A falta de mais eventos por ano.
47. Nenhuma dificuldade
48. Poucos recursos aqui em Aracaju, coisas referentes a Kpop
49. dinheiro
50. Quando uma coisa é relativamente nova, como é o k-cover por aqui existe todo tipo de preconceito. Desde meus pais que não entendem o quanto isso me faz bem, e criticam o 'tempo desperdiçado' com essas coisas. Como também a dificuldade da comunidade ser levada a sério até mesmo por aqueles que dizem parte dela, que formam empresas e eventos dizendo ser para nós e por nós. Às vezes é muito difícil passar por cima de tudo isso e ainda ter que depender do comprometimento dos outros para construir algo e ser

reconhecido por isso. Há alguns anos fui diagnosticada com um problema de desgaste na cartilagem nos meus joelhos que me faz sentir dores fortíssimas, e desde então eu venho lutando e brigando contra isso para continuar aqui fazendo o que eu gosto, sentindo o calorzinho de amor todas às vezes que alguém elogia o meu trabalho, todas às vezes que eu olho para mim e digo: parabéns, você fez um ótimo trabalho, nos conseguimos. Nem sempre é fácil, na verdade, na maior parte do tempo é difícil, na maior parte do tempo ser cover é dificuldade, é luta, como imagino que seja para qualquer pessoa que coloque seu corpo dentro da dança. Mas fica mais fácil de enfrentar tudo isso quando temos pessoas incríveis ao nosso lado nos apoiando. Pessoas que enfrentam essas dificuldades conosco e permanecem ali, lutando apesar dos olhares tortos, de sermos chamados de infantis. Saber que estamos juntos neste sonho mantêm minha chama acesa. Dias melhores virão.

51. No momento, nenhuma
52. a minha falta de experiência faz com que eu me reprima muito em eventos, não queria competir por já saber que não irei ganhar, ou coisa parecida. por participar de um grupo, os ensaios também são bastante complicados por não serem em locais fixos.
53. É um público onde existem muitas crianças ao mesmo tempo que existe muito adultos. Então as divergências costumam ser chatas de vez em quando.